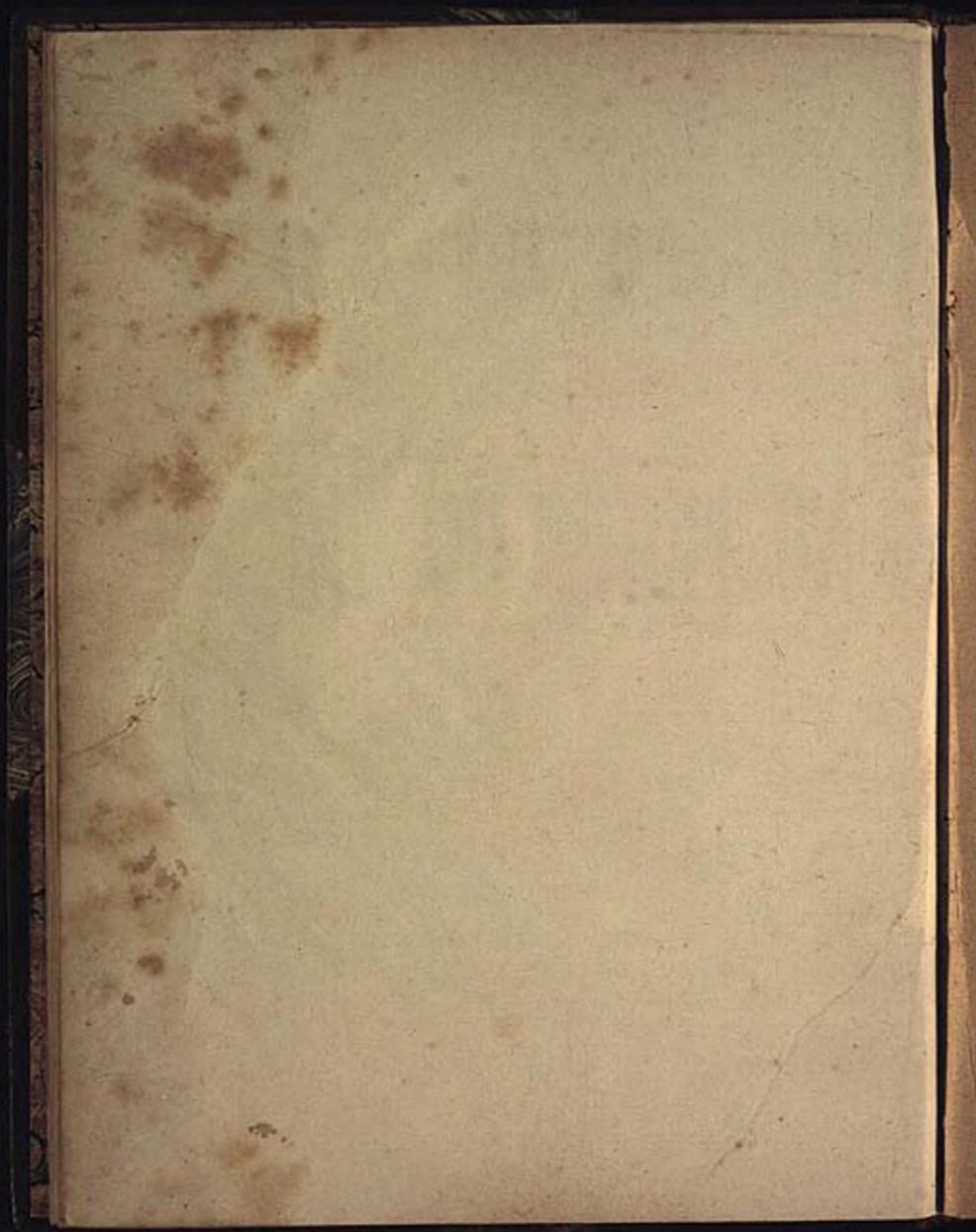


NO TEMPO DO REI



NO
TEMPO DO REI

—HISTÓRICO—

CONTO HISTÓRICO

POR

MOREIRA DE AZEVEDO



3694

CAPITAL FEDERAL

Livraria da J. G. DE AZEVEDO & C., Editores

33 RUA DA URUGUAYANA - 33

1899

863.9549
H9545 w

Estavão reunidos em uma noite do anno de 1817 diversos individuos em uma casa terrea da rua de São Pedro da cidade do Rio de Janeiro. Conservavão-se fechadas as portas e janellas, que davão para a rua, mas na sala da frente, ao redor de uma mesa, onde descansavão quatro castiçaes de prata com velas de espermacete, vião-se sentados doze ou trezo individuos conversando em voz baixa.

— Deve haver bastante cautella, dizia um, pois anda activo o ministro Thomaz Antonio, cujo faro é perspicaz.

— Entretanto tem as lojas maçonicas caminhado às claras em Pernambuco, dão banquetes e levantão brindes.

— Assim é, mas sabe o collega o que vai por lá regougou o outro.

— Que ha, perguntarão alguma ao mesmo tempo.

— Ilhouve uma revolução e proclamou-se a república, exclamou o sujeito aterrado.

Produziu esta palavra um choque como se uma bala de artilharia houvesse explodido no salão.

— Sim; expulsarão o governador Caetano Pinto, e instituirão um governo republicano.

— Sim, repetirão diversos.

— Em obediência declaro que propalão ser o irmão Anselmo da Costa, quem divulga o que aqui se passa.

— O que tem de expor em sua defesa, perguntou o presidente no acusado.

Anselmo levantou-se, cruzou os braços, abaixou a cabeça e não pronunciou palavra.

Vendo que o acusado não tratava d'ajustificar-se, ergueu-se o vigilante, pronunciou algumas palavras, que todos ouvirão de pé, e em seguida approximando-se de Anselmo o irmão Fisca, indicou-lhe a porta e disse-lhe:

Retirai-vos.

Sem praticar acto algum de violencia, sem pronunciar uma só palavra, lançando um olhar de colera sobre seu denunciante, tomou Anselmo o chapéu, abriu a porta e saiu.

Ilavendo-se dado este triste incidente proponho o encerramento da sessão, disse o presidente.

Approveda semelhante resolução levantarão-se todos, e feita a devida vénia retirarão-se. Apenas ficou um chamado Lulz Prates, que allí residia, e que depois de examinar se a porta ficara bem fechada, apagou as luzes d'a sala e recolheu-se ao interior da casa.

Convém tratar relações com alguns dos individuos, que acabamos de ver reunidos na casa terrea da rra de S. Pedro.

Era um delles Luiz Prates, homem de cincodânta annos de idade, alto e corpulento. Vestia calção de ganga amarella, meias brancas, sapatos de entrada baixa com fivelas, casaca e collete de panno azul, trazendo atada a uma das casas do collete grossa corrente de ouro do relogio com tres ou quatro sinetes pendentes. Era empregado do arsenal da guerra ou do Trem, como então se dizia.

Já dissemos que o irmão despedido da loja chama-se Anselmo da Costa.

De estatura mediana contava Anselmo trinta annos de idade, tinha as pernas um pouco arqueadas e vivia do fôro.

Trajava casaca cor do pinhal, calções da mesma cor, collete preto, meias e sapatos de fivelas.

Havia um outro chamado Elnardo Main, moço de 20 annos, esbelto, de physionomia franca e sympathica, e de carneter alegre e expansivo.

Usava de calções e collete de cor escuta, casaca de

belutino-parda, meias e sapatos de fivelas. Era empregado da alfandega.

Havia mais nove ou dez individuos, dos quais não mencionaremos os nomes, nem outras particularidades, pois não tem de figurar nesta narrativa historica.

Corridos alguns dias depois daquella reunião clandestina, dirigiu-se Anselmo da Costa à residencia do ministro Thomaz Antônio na rua dos Inválidos, fez-se anunciar pelo mordomo da casa.

Introduzido na sala de espera, apareceu, apôz alguma demora, o ministro trajando casaca do panno cor de vinho, calções da mesma cor, collete azul, meias e sapatos com fivelas de ouro, grossa corrente de relógio, gravata branca e bastante alta, e quer o peito, quer os punhos da camisa ornados de babadinhos crespos.

Era costume do Thomaz Antônio não apresentar-se à pessoa alguma senão decentemente vestido.

— Que deseja, perguntou-lhe o Anselmo.

— Venho fazer a V. Ex. uma revelação importante.

— Dirija-se então para ali. E indicou-lho um gabinete, que comunicava com a sala.

Neste aposento, cuja porta, assim como as da sala de recepção, eram vedadas por grandes reposteiros de lâ azul com cordões e borlas encarnadas, havia uma linda secretária com bellos lavores de madeira trabalhados pelo insigne artista brasileiro Valentim, e seis cadeiras e um canapé de jacarandá com espaldar e assento de couro lavrado obra do mesmo artista.

Vinha Anselmo envolvido em um capote de pano de cor cinzenta.

Acompanhando o seu visitante apresentou-lhe o ministro uma cadeira, e sentou-se em outra.

— Fale, estou às suas ordens, disse Thomaz Antonio.

— Communico a V. Ex. que está instalada em uma casa da rua de S. Pedro desta cidade uma loja maçonica.

Tornou-se Thomaz Antonio muito atento, quiz ficar sciente de todos os parmenores, dos nomes dos congregados, suas occupações, residencias, dias de sessões, questões apresentadas em discussão, e logo que ficou de tudo informado, disse ao seu interlocutor.

— Bem, agradeço-lhe o serviço que acaba de prestar ao governo de el-rei nosso senhor, que saberá recompensá-lo.

Cortejando respeitosamente ao ministro retirou-se Anselmo contente com a promessa, que acabara de ouvir.

Na noite desse mesmo dia ficou um batalhão de promptidão no quartel do campo de Sant'Anna, hoje praça da Republica, collocarão-se sentinelas nas ruas que cortam a do S. Pedro, e um pelotão de soldados cercou a casa de Luiz Prates.

Encarregado da diligencia o tenente Gordilho ao amanhecer bateu à porta da casa, e ordenou que em nome de el-rei fosse aberta.

Appareceu Luiz Prates, que residia só com dous

escravos seus, e imediatamente recebeu ordem de prisão. Revistada toda a casa, trastes e utensílios nada encontrou a autoridade de suspeito, apenas um triângulo de metal, que parecia pertencer à maçonaria.

Receiosos do caráter vingativo e traíçoeiro de Anselmo, haviam seus companheiros transferido para outra casa as suas sessões levando os emblemas e livros da maçonaria.

Luiz Prates foi conduzido para uma das prisões da fortaleza da Ilha das Cobras.

As sentinelas postadas nas esquinas das ruas, o cerco à residência da Luiz Prates, e a prisão desse cidadão pacífico e honrado causaram sensação na cidade, assuston-se o povo, e apesar do recôjo, que havia dos maçons ou pedreiros livres, tidos como homens que conversavam com o demônio à meia-noite, ninguém julgou-se livre de qualquer perseguição. Propalou-se que iria fazer-se outras prisões, que corriam varias denúncias, e que a maçonaria seria atrocemente perseguida. Tratarão os maçons de ocultar-se, afastando-se da cidade, e deixando muitos de frequentar as igrejas.

Informado de que existião no próprio paço real alguns filiados à maçonaria, procurou Thomaz Antônio persuadí-los a abandonar semelhante associação. Alguns o fizerao, outros mostrarão-se mais recalcitrantes, tendo o ministro de recorrer à autoridade do rei.

Admoestados por D. João VI resignando as insignias maçónicas os camaristas marquez de Angeja e o conde de Paraty.

Confessando-se arrependidos de haverem pertencido à semelhante associação, para patentearem a sua contrição e adhesão à vontade absoluta do rei, ofereceu um delles toda a sua baixela de prata para as urgências do erário régio, e comprometeu-se o outro a fazer o serviço semanal do paço revestido da habito e cordão-de irmão da ordem de S. Francisco!

De feito de habito talhar e cordão pendente andou sete dias o conde de Paraty nos salões do paço de S. Christovão, a contento do carola e astuto D. João VI, e exposto ao riso e galhozo da criadagem, que nesse tempo atropelava a residencia real.

Desse modo rediculio e improprio provou o fidalgo que abjurara a masonaria, caindo nas boas graças do rei, seu amo e senhor. (*)

Estava Eduardo Maia na rua Direita, bojo 1º de Março, quando vio passar escoltado-por soldados o seu amigo Luiz Prates.

Commoveu-se e irritou se também, pois comprehendeu quem fôra o denunciante. E no mesmo instante vio resvalar junto de si, um individuo envolto em capote de panno cinzento e de gola alta, que occultava quasi todo o rosto, mas apesar disso, reconheceu-o e tomndo-lhe do braço disse-lho.

— És um infame.

— Veja como se expressa, Sr. Eduardo.

— Repito, é um traidor, um denunciante, mas
has de pugnar, e apertou-lhe com força o braço.

— Deixe-me, retorquia o miserável aterrado.

— Vai espião e Deus te castigará.

E largou o pusillamine Anselmo, que tremia como
se diante de si visse já alguma arma erguida:

E apressado afastou-se o traidor, e foi seguindo a
escolta dos soldados até no arsenal de marinha, onde
o preso embarcou para a ilha das Cobras.

Residia no becco da Fidalga Antônio Gonçalves, casado com Marin do Souza e pae de Alice.

Tinha Alice olhos vivos, bocca pequenina, noriz afilado, dentes miudos, cabellos bastos, e corpo engracando e bem cinzelado. Se era encantadora a belleza do seu semblante, os contornos elegantes da suas formas fascinavão.

Seu pae era ajudante do almoxarife do paço da cidade. Quando apresentava-se com a sua casaca azul agaloadas de prata, seus calções encarnados, meias de seda e chapéu armado, tomava um ar grave e imponente, e de toda a vizinhança recebia cumprimentos.

Erão naquelles tempos muito considerados os creados da casa real, qualquer que fosse sua categoria. Submisso ao governo absoluto consagrava-lhos o povo temor e respeito. Especialmente pela maldita lei das oposentadorias, vivião inquietos os habitantes da cidade, pois não podia ninguem julgar-se seguro na casa quo habitava. Se era cubilgado por algum creado do paço, dirigia-se este ao juiz aposentador e indicava-lhe o predio quo escolhera. Enviava o magistrado um melrinho á casa indicada, o qual' imediatamente escrevia com giz na porta as letras P. R., principe ro-

gente, que o povo em galhofa traduzia pela phrase *ponha-se na rua*. Mudava-se o proprietario e o fidalgo, criado do paço, aboletava-se ou aposentava-se muito a seu gosto.

Gosavão de semelhante regalia só os creados de elevada jerarchia, mas tambem os de menor graduação em geral residindo nos dépendencias dos palacios renes, e alguns se não tinhão casa paga pelo bolsinho do rei, erão alimontados pela ucharia da casa real.

Collocada no pavimento terreo do antigo convento do Carmo, que foi absorvido para accommodações da familia real, quando fugio de Portugal para o Brazil em 1808, era a ucharia do paço da cidade um grande sorvedouro dos dinheiros publicos. Havia allí comida em profusão; allí lão fornecer-se de viveres muitos creados, e alguns se não tinhão rações em generos, recebido-nas em dinheiro.

Os fidalgos aposentados nas casas, que havião requerido; erão obrigados a pagar aluguel ao proprietario, mas muitos não o fazião, e ai do proprietario, que recalcitrasse; esperava-o a cadeia ou o degredo.

Recebido outros fidalgos em certas festividades da capella real brandões de cera, e alguns até do paço trazião fazendas de seda e linho para seu uso particular.

Qualquer creado da casa real julgava-se um potentado; e até os de baixa classe, quando percorrião as ruas a cavallo, ião em disparado, atropelando o povo, que, com o seu bom senso, appellidava-os de francaruuas.

Salia do erario o dinheiro para toda a despesa da casa real, o rei não tinha dotação, gastava o que queria, sem limite, nem ordem na distribuição das quantias.

Repetidas vezes via Eduardo Main a filha de António Gonçalves nas missas matutinas como então era uso, nas festividades religiosas, nos fogos de artifício, e em outros divertimentois próprios do tempo.

Uma das festas populares era a do Natal, que estendia-se de 25 de dezembro a 6. de Janeiro seguinte. Começava pela missa do gallo celebrada à meia-noite de 24 de dezembro, e continhava com a exposição do presépe e cantatas da noite de Reis. Armavam-se diversos presépes em diferentes pontos da cidade, porém os mais importantes eram o da Iadeira de Santo António, a das religiosas da Ajuda, e o do conego Filipe no morro do Livramento.

Logo depois da noite do Natal começava a percorrer as ruas e visitar as casas a folia dos Reis composta de moços vestidos de calções e jaqueta branca, chapéu de palha com fitas pendentes e sapatos com flivelas douradas. Cantavam e dansavam ao som de tambores, flautas e pandeiros, colhendo esmolas para as solemnidades da igreja.

Levava um deles o estandarte com a imagem do Menino Deus, que era exposta em todas as igrejas à adoração dos fiéis. Colhiam os foliões abundantes esmolas, e nas casas em que eram admittidos, encontravam mesas repletas de liguarias e doces.

Coneorrendo á missa do gallo na igreja da Lapa dos Mercadores, à rua do Ouvidor, encontrou-se Eduardo com Alice, e durante a ceremónia religiosa tiveram os dous namorados occasião de trocar muitas palavras de amor. Acompanhou a moça quando esta regressou à casa, e vendo-a entrar repetiu a quadra de uma balada, entoado em voga, que dizia assim:

Em S. Bento deu uma hora,
No Collegio deram duas.
Vêde que horas são estas
Que eu por ti ando nas ruas.

Chegou Alice á janella do setão, e atirou-lhe com uma flor que trazia presa no pente, que atava-lhe os cabellos.

Apanhou o moço a flor, beijou-a, e collocando-a na lapella da casaca, retirou-se satisfeito.

Alice fechou a janella, e recolheu-se para repousar, ou antes para pensar no idolo do seu coração.

Vivendo apaixonado pela formosa Alice não havia festividade ou passeio a que ella fosse, quo elle não se apresentasse também.

Residia em uma casa de porta e janella no bêco do Gulinaste, hoje travessa do Dr. Costa Velho, a vella Quiteria, que era a portadura das cartas, flores e, presentes dos dous amantes.

Usava Quiteria de saia de lila preta, mantilha da mesma cor, quo presa ao alto pente, que atava-lhe os cabellos, descia quase até aos pés, sapatos de duraque, e pendente da cintura um comprido rosário de contas brancas e pretas. Esmolava pelas casas, não por necessidade, pois possuía uma escrava, que costurava calças e camisas, que trazia dos algibeiros existentes junto á igreja da Cruz, o por isso chamavão-se costurais da Cruz.

Amuidadas vezes ia a vella á casa de Antonio Gonçalves, e ahí, além de receber á esmola do costume, informava-se dos passeios de Alice, e levava a Eduardo as cartas e recados, que ella lho pedia.

Em todas as casas de suas devotas, isto é, daquellas que socorrião-lhe com esmolas, narrava, e colhia novidades, e assim ora sabedora dos segredos de muitas famílias

Aproximava-se a festa do Espírito Santo celebrada

nesses tempos com extraordinaria pompa nas igrejas de Santa Iria, Santa Anna, Mataporecos, hojo Estacio de Sá, e no convento dos Carmelitas.

No campo de Santa Anna, hojo praça da Republica, arranjão-se barracos de madeira e lona; onde havia dansas de velhos, de Jardingiros, theatros de bonecos, nuncias, exercícios gymnasticos, sortes, doçes, comidas e Lrinquedos.

Semanas antes era a festividade annunciada pelos foliões; rapazes trajados com calções vermelhos e galão dourado, collete de seda branca, meias, sapatos de ilvetas, o chapéu de feltro de copa alta, abas largas e ornado de fitas.

Levava um delles de vestimenta mais garrida o estandarte de cor encarnada, tendo estampado no centro o emblema do orago da festa, assim como também na parte superior um punho prateado de azas abertos atuado em milhares de fitas de diversas cores.

Acompanhavão os follões slous irmãos da irmandade do Divino revestidos de opas vermelhas, trazendo un una vara e bacia de prata para recebimento das esmolas, e conduzindo o outro pela mão o imperador, menino de dez ou doze annos, trajando casaco e calção de velludo, collete de seda branca, meias, sapatos de ilvetas e chapéu armado.

Percorrendo as rias ao som dos instrumentos entravain os follões em diversas casas, ond' cantavão e dansavão, repetindo versos adequados á festividade.

Erguião-se junto da igreja de Santa Anna, demo-

lido para dor espaço á estação central da estrada de ferro, o coreto ou *imperio* do imperador, um ou dous coretos de musica e o palanque do leiloeiro, todos elles ornados com cortinas de damasco e renda e iluminados à noite com copinhos de cores.

Em frente do *imperio* fluctuava sobre alto-mastro o estandarte do Espírito Santo.

O leilão das ofertas, as fogueiras de cabeças de alcatrão espalhadas pela praça, os fogos de vista, os ropiques de sinos, a musica dos coretos, a romaria popular, a multidão agglomerada na praça, as exclamações e gesticulações dos barraqueiros, apregoando suas quinquilharias e divertimentos, os milhares de mercadores oferecendo a venda frutas, uves, doces e nálpipes, davam a esta festa popular grande animação e alegria, e assim prolongavam-se até o dia de Sant'Anna.

Nas noites de fogos de vistas era maior a concorrência popular. Aholetavam-se as famílias em esteiras de palha estendidas pelo campo apreciando os petiscos que compravam; outras visitavam os divertimentos, e ao som da musica, de vivas e bravos ao artista pyrotecnico, ou de assobios e vaias, quando faltava qualquer peça, divertiam-se até alta hora da noite, pois só muito tarde começavam a ordenar os fogos de artifício.

Agradava ao povo o leilão das prendas oferecidas ao Divino, e era feito, como já dissemos em um palanque proximo da igreja, e por indivíduo dado a galhofas e irreverências.

Na quasi todas as noites ás barracas do campo a

68

família de Antônio Gonçalves, e ali encontrava-se com Eduardo, avisado antecipadamente do passeio pela velha Quiteria.

Approximava-se a família de Antônio Gonçalves do palanque do leiloeiro, quando este apregoava um lindo ramilhete de flores do seguinte modo.

— Afronta fago que mais não acho, se mais achara mais tomara, dou-lhe uma, dou-lhe duas, uma maior, outra menor. Quanto dão por este ramo?

Lançou cada um a sua oferta, porém Eduardo cobriu o maior lance.

— Dou-lhe tres, don-lhe tudo de uma só vez, bradou o leiloeiro, batendo com o martello na mesa, que tinha em frente de si, e entregando o ramilhete a Eduardo, que o ofereceu imediatamente à Alice.

Não passou isso desapercebido a Antônio Gonçalves, que já fizera reparo na presença do moço em todo o lugar, em que ele se dirigia com a família.

Fransio o velho a testa e comprimentando ligeiramente o mancebo, afastou-se já alli com a mulher e a filha.

Em caminho disse a sua companheira.

— Anda a menina com um namorico, que me não agrada, é preciso dissuadil-a.

— Não seja impertinente, retrucou-lhe a mulher.

— Mas não gosto da semelhante moço.

— Cale-se que Alice pôde ouvir.

— Vamos assistir ao teatro de bonecos, papai, perguntou Alice, que ia um pouco adiante.

— Vamos, respondeu o velho, e começou a sorrir..

Correram assim mezes vivendo os dous namorados nesse énlevo de esporanças, risos, surpresas e encantos, que constituem a vida dos que se amam.

A alguns amigos referira Eduardo o amor, que consagrava á filha do ajudante do almoxarife, manifestando desejos de casar-se.

Abrira-se, entre outros, com o major Mello, comandante do regimento dos pardos, e esse bom homem approuvara os seus projectos.

Era o major amigo de Antônio Gonçalves, e encontrando-se um dia com este na missa da igreja da Cruz, dissera-lhe:

— Conhece o Eduardo Maia, empregado da Alfândega?

— Muito, e vejo-o quasi todos os dias, acrescentou o velho sorrindo.

— É moço morigerado.

— Consta-me que sim.

— Boim empregado publico, tanto assim que residindo em Catuimby não falta um dia á repartição.

Não havendo naquella época meios faccias de condução, não havendo apparecido ainda nem os omnibus, nem as gondulas, nem as diligencias, existindo apenas as seges dos particulares, acontecia quo quasi todos os empregados publicos residissem nas ruas centraes da cidade.

Raro era aquello que morava em lugar mais distante, e então ou vinha a cavallo, ou necessitava ser

20

ha tantos entre os mais illustres e distintos membros da sociedade?

— Talvez assim seja, mas não tenciono, "major, dar a mão de minha filha a um revolucionário, a um,

Bem, interrompeu-lhe o amigo, não desejo contrariá-lo mais. E eis a missa que vai entrar.

De falso apareceu o parochio seguido do acolyto, e ajoelhando-se junto do altar, o mesmo fizerão os dous amigos na nave da igreja enquanto partilhão da córo os sons harmoniosos do orgão.

Gostumava D. João VI passar todos os annos alguns dias na fazenda de Santa Cruz, onde mandou reconstruir o antigo collegio dos jesuitas, transformando-o em palacio e mobiliando-o com luxo.

Quando fazia o rei a viagem à Santa Cruz era interessante ver o prestito real. Na frente ião dous cadetes de cavallaria como batedores, e em seguida desfilavão as seges dos vendores, guarda-roupas, damas, camaristas, do cirurgião da real câmara, do confessor real, e logo após a traquitânia de el-rei do caixa dourada e forrada interiormente de damasco encarnado. Fechava o prestito um piquete de cavallaria. Raras vezes acompanhava-o nesse passeio sua mulher a rainha Carlota.

Ordinariamente usava D. João calções e collete do panno preto, casaca de sargocha ou de panno azul, meias de seda e fivelhas de ouro nos sapatos. Pendente da casaca trazia um crachá de prata com as tres cruzes das ordens militares de Christo, Aviz e Santiago, e em baixo destas a da Torre e Espada. A gra cruz destas quatro ordens vin-se pendente de uma só fita.

Quando andava de carro trazia sempre o chapéu á cabeça e não o tirava a ninguem. Junto de sua traquitânia cavalgava o seu criado particular Thomaz Carneiro.

Em dias de gala ostentava a cabelleira emponda corrida para o alto da redonda cabeça, donde cabia aº

longo das costas em rabiço; depois de repartida em dous canudos para cada uma das temporas. Trajava calções de cachemira branca, collete da mesma fazenda, casaca azul ou vermelha, tendo no peito a ordem do tosto de ouro, meias de seda muito finas e luvelas com brilhantes nos sapatos.

Era homem de baixa estatura, de pernas um pouco grossas, pés e mãos pequenos, rosto avermelhado e largo, faces nedas, barba raspada e labios grossos e pequenos. Quando os dentes incisivos superiores levantavão a ponta dô labio davão a boca a expressão de uma bonomia imperturbável.

De calções e moias usavão todos os criados da casa real, assim como de farda direita de panno azul oclada de galão de ouro, prata ou de retroz conforme a sua categoria, e de chapéu armado, que os lacaios collocavão atravessado.

Companhão a guarda real os archelhos de farda vermelha, collete azul com vivos brancos, calções com galão amarelo, espadim, lança e chapéu armado com galão branco e debrunho de branco.

Era D. João homem instruído, conhecia o latim, o francês, hespanhol, istoria e mathematicas, mas mui modesto, não ostentava seus conhecimentos. Prudente e dissimulado ouvia a opinião dos seus conselheiros, porém era mui reservado em manifestar a sua. Affável e ibano tratava bem a todos, e não perseguia a ninguem. Se era commedido em suas expressões, era generoso com seus inimigos, e a unica manifestação, que dava

(2)

quando acontecia encontrar-se com elle, era franzir o rosto e não lhes falar. Um religioso envia todos os dias missa em seu oratório particular, confessava-se amuidadas vezes, e sempre, que o fazia, mandava celebrar missa em seu oratório privado, e ahi commungava. Era seu confessor privativo o bispo que foi do Maranhão, D. frei Joaquim de Nazareth, e no impedimento deste outro sacerdote de sua confiança; mas tinha um confessor régio, nomeado por decreto, que o havia de confessado na capella real, e era o religioso franciscano frei Joaquim. Dizia-se mal desse frade, e propalava-se que por isso mesmo o rei o escolhera para ver se assim elle se corrigia, e melhorava de conducta.

Assistia D. João a todas as festividades da capella real e a algumas de outras igrejas; era perito no canto chão.

Levantava-se cedo, e logo que faziam-lho a barba e davam missa, ia para a mesa do almoço, e dali seguia em geral para a sala do conselho dos ministros, onde demorava-se até às duas horas. Passava-se depois para a sala do jantar. Não bebia vinho, nem licor de qualidade alguma. De tarde saía à passeio.

Havendo falecido o conde da Barca foi modificado o ministerio tomando conta da pasta do reino e casa de Bragança o chevalier Thomaz António de Villa Nova Portugal.

Alegrava este ministro a confiança intimada de D. João, que com elle entretinha constante correspondencia, ouvindo o emigrado todos os negócios. Quando escrevia-lhe assignava-se João Carlos.

Nasceu Thomaz Antonio em Portugal em 1765; e
foi seu pae um advogado de pouca fortuna. Tendo
ocupado o cargo de corregedor foi nomeado desembar-
gador da relação do Porto com exercicio na casa da
suplicação de Lisboa. Transferido oficialmente para
ain foi mais tarde nomeado fiscal do erario regio, e por
sua habil administração conseguiu melhorar as finanças
e cobrir o deficit. Passou a desembargador do paço, o
que causou inveja e desgosto não só por ser elle o des-
embargador mais moço, como tambem por ser filho de
um pobre advogado da aldeia. Tinhão-lhe ogerisa os
antigos fidalgos, e mais de uma vez procuraram intri-
gal-o. Elevado a chanceller-mor do Brasil e a ministro
de estado, maior roncor consagraram-lhe os fidalgos.

Residia Thomaz Antonio, na rua dos Invalidos,
como já dissemos, na chacara da esquina da rua do
Senado. Pertencia essa casa ao medico do paço Vieira,
depois barão do Alvinazere, valido da rei, que della lho
szera presente. Existira ali no tempo dos vice-reis um
asylo para invalidos, donde proveio o nome da rua.

Apezar de merecer do rei toda confiança não
abusava Thomaz Antonio de sua posição, não intrigava
nigguem, mostrava-se obediente, respeitoso, firme e
calmo em suas opiniões.

Na época de quo escrevemos, desejando D. João
passar à fazenda de Santa Cruz, fallou a Thomaz An-
tonio.

. — Seria conveniente, meu senhor, respondeu o mi-
nistro, desistir este anno do semelhante passeio.

— Porque, perguntou o rei franzindo a testa.

— Não foi incluída no orçamento a despesa necessária para esta joranda.

— E porque houve essa lacuna?

— As dificuldades financeiras, o deficit...

— Bem, mande chamar o Targini.

Depois de beijar a mão do rei, fez-lhe o ministro profunda cortezia e saiu.

Corridas algumas horas apresentava-se na sala do paço o Targini, visconde de S. Lourenço, thesoureiro-mór do erário régio.

Avisado o rei apareceu logo, e comunicou ao thesoureiro a observação do ministro.

Não sendo astilgado a Thomaz António aproveitou-se Targini da ocasião e disse:

— Não dé importância, meu senhor, ao que disse o Sr. Thomaz António; vá para Santa Cruz, que não faltarão dinheiros no erário para esse passeio; e se faltasse tenho amigos, que não me deixarião ficar mal perante vossa magestade.

Sorriu-se o rei, e techô o Targini de retirar-se de lhe a mão a beijar.

Immediatamente expediu o thesoureiro-mór ordens para ser fornecida a quantia necessária para o passeio do soberano.

No dia seguinte partiu D. João para Santa Cruz sem participar ao seu ministro Thomaz António.

Procedia assim o governo absoluto. Não tendo o rei dotação limitada ou pensão do Estado, gastava quanto

32

queria, e todas as suas despezas eram pagas pelo erario publico.

Exorbitantes eram as despezas da casa real, especialmente as da facharia, mantearia, cavallaria, e outras e todas pagas pelo erario. Além disso quando necessitava de qualquer quantia extraordinaria mandava o-rebuscal-a ao erario pelo seu thesoureiro particular, sem que houvesse da parte dos empregados a menor observação. Acresce que dos brilhantes recolhidos ao erario, os de maior quilate e melhor agun, são para o monarca, que os guardava para si. E quanto casava as filhas era do erario que vinham as joias, os brilhantes, que desejava ofertar-lhes.

Santissimos tempos do absolutismo, ainda hoje tão elogiados por alguns!

O rei foi recebido em Santa Cruz com repiques de sino, salvas e foguetes do ar, estando alcalifado de folhas de mangueira o terreno desde o portão da entrada até o palacio. Descendo da tranquilana de chapéu na cabeça atravessou D. João por entre os fidalgos e criados da casa real, que formando alas, curvavam os joelhos para beijarem-lhe a mão. Entrou na capella, que estava ornada com luxo e illuminada, ajoelhou-se sobre uma almofada de velludo, fez curta oração, e subindo para a tribuna sentou-se para assistir ao te-deum.

Compareceram no acto o mordomo do palacio, os semânares e todos os fidalgos e criados da comitiva real,

Alguns dias depois mandou o monarca chamar o ministro Thomaz Antonio, que apresentou-se vestido de ensaca vermelha direita com bordaduras nos canhões e na golla, calções de casimira branca, collete da mesma fazenda, sapatos com fivelas de ouro e chapéu armado com presilha dourada.

Vestia o rei sua casaca usual, calções, meias e sapatos com fivelas,

Admittido o ministro no gabinete de despacho não faltou-lhe D. João da viagem à Santa Cruz, nem ousou também o ministro referir-se a este incidente.

— Mandei-o chamar para saber o que ha de novo., disse-lho o rei.

— Recohi agradaveis noticias da capitania de Pernambuco, onde a revolução foi suffocada.

— Estimo muito.

— Vieram offcios relatando a prisão e execução de diversos revoltosos.

— Haverá por semelhante motivo solemne te-deum na capella deste palacio, acrescentou D. João.

— Felicito a vossa magestade em nome da nação por tão assignaldo triumpho. E aproveito a occasião para lembrar ao meu senhor uma medida urgente.

— Qual é?

— Para os terríveis acontecimentos revolucionarios, que occorreram em Pernambuco, contribuiram os clubs maçonicos do Paraíso, do Suassuna e do Cabo. Aqui, como vossa magestade não ignora, vão também apparecendo reuniões maçonicas, e convém providenciar em quanto tempo.

— Pensa bem.

— Lembrava a necessidade de um alvará com força de lei condenando não só a maçonaria e todas as sociedades secretas, como os livros e quaesquer outras instruções impressas ou manuscriptas relativas à semelhantes sociedades.

— Approvo a idéa e mande lavrar o alvará para eu assignau-lo.

— Vou cumprir as ordens de vossa magestade.

Retirou-se Thomaz Antonio para uma sala proxima,

em quanto o rei começou a passear pelo gabinete com os braços abertos das costas, como costumava.

Em quanto redigia o ministro o terrivel alvará, e o rei passeava, dirigia o reposteiro da camara Francisco da Silva finezas a uma dama do paço, que passeava no jardim chamado Curralinho.

— Comprimento a V. Ex. que com a sua beleza realça mais a grandeza e o brilho desto palacio.

— É muito lisonjeiro.

— Não, minha senhora, elogianto as graças de V.Ex., pôr mais quadriga, fico sempre distante da verdade.

— E agora está tão afastado della!

— Estando perto de V. Ex. estou junto de todas as persegções, de todos sentimentos puros e verdadeiros.

— Então é porque acarreta os coisigo-mosina.

— Não será antes porque elles se irão longe de V. Ex. para mim?

— Julgo que o senhor vê mal.

— Pode ser em presença de tanta luz. E mui alegre estou pela noticia que tive hoje.

— Qual.

— Tencionha o rei demorar-se algumas semanas neste palacio, onde terel o prazer de gozar da presença de V. Ex.

Estando lavrado o alvará comminando penas severas contra as sociedades secretas levou-o o ministro ao rei, que lendo-o assignou logo.

— Agradeço a bondade e promptidão com que vossa magestade attendeu a minha observação sobre os ma-

cons, disse o ministro recebendo o alvará. Vou envia-lo para a cidade. E levando a mão do monarca saiu.

Dessa Francisco da Silva o braço a dama com quem passeava no jardim, e encaminhando-se para o paço chegou ao primeiro pavimento, quando desceu o ministro as escadas.

Percorrendo ruízo do passos disse a dama a Francisco da Silva.

— Não convém que me vejam aqui.

— E deixando o braço do amante escondeu-se em um dos quartos do pavimento terreo do paço. Encontrando-se com Francisco da Silva perguntou-lhe o ministro.

— Conhece algum crendo diligente da casa real, que possa levar um ofício à corte?

— Conheço a Braga.

— Peço-lhe o favor de manda-lo vir á minha presença.

Comparsoendo o crendo deu-lhe o ministro o ofício, ordenando-lhe que entregasse com urgencia na chancelaria-mor do reino.

Partiu o crendo imediatamente para a cidade. Em quanto esse homem corre a cavalo a toda brida levando o decreto de condenação de uma classe inteira da sociedade, dirigiu-se o rei vagarosamente para sala do jantar murmurando consigo.

— Vamos ver qual o melhor prato, que hoje preparou-me o Alvarenga.

Era Alvarenga o mestre das coelhinhas do paço, o cozinheiro favorito de D. João VI, assim como o Isidoro era seu sapateiro predilecto.

VIII

Terminado o jantar levantou-se o rei da mesa, tomou o seu bastão, no qual se assinava, e desceu ao parque para passear. Instantes depois ordenou a um dos semanários, que o seguiam, que fosse chamar o medico Manoel Lutz e o religioso do Carmo frei Custodio. Logo que estes chegaram encetou com elles conversação.

Referiu o cirurgião uma anedota para entreter o monarca, que sorria satisfeito. Quanto a frei Custodio fértil em díllos agudos, annexas e anedotas, depois de haver alegrado a todos com a sua conversa variada, disse:

Vou agora, meu senhor, recitar uns versos do desembargador Petra Miltencourt.

Enviando elle um presente de fructas dentro de uma cesta de prata, envolvida em uma toalha bordada, ficou o presenteado com tudo.

Desapontado mostrou-se o desembargador, e ao sujeito remeteu a seguinte quadra:

Alma que sahe desto mundo,
Dizem que vai e não vem,
Mas o meu cesto é toalha,
Quem o fez al'ma tambem.

38

Riram-se todos, e tambem D. João que, tomado da boceta de rapé, sorvèu com satisfaçao uma pitada.

Mas convém observar que depois de haver apparecido em Pernambuco a revolução republicana raras vezes o rei mostrava-se satisfeito, em geral apresentava-se um pouco taciturno. Esquivava-se à propria familia, e apois atraíndo-lhe cuidados o principe real ou uma ou outra filha.

Entretinha-se o rei nessa palestra quando entrou D. Francisco da Almeida Melo e Castro, conde das Galveas, que apresentou-lhe uma carta do marquez de Bellas pedindo licença para ir a Portugal cuidar em sua casa e accomodar-se com seus credores.

Tendo lido a carta mostrou-se D. João contrariado por ser o marquez conselheiro de estado, e homem de sua estima e inteira confiança.

Atraíndo no conde das Galveas para um dos bancos do jardim disse-lhe o monarca.

— Pede-mo o marquez licença para ir a Portugal, o que contraria-me nas circunstancias politicas actunes do reino. Elle não devia requerer agora semelhante causa.

— Mas vossa magestade por que não lhe nega a licença, reterchio o conde.

— Não, observou D. João, ha coisas que não se devem pedir, mas quando se pedem devem-se conceder (1) Dign-lhe que n'ando o requerimento a despacho e sera atendido.

(1) Palavras textudas proferidas pelo rei.

— E sem dirigir-se mais ás pessoas com quem ba
pouco palestrava, seguiu para o palacio, onde entrou.

Dias depois compareceu de novo ao gabinete do despacho o ministro Thomaz Antônio, unico membro do ministerio, que se achava em Santa Cruz com o rei. Era elle quo expedia todos os negocios, correspondendo-se com seus collegas.

— Ouso lembrar a vossa magestade, ponderou o ministro, que convem vir de Lisboa uma divisão militar tirada do exercito portuguez, para tomar parte na guerra do sul do Brasil. Se as armas brasileiras tem ali sustentado a luta com vantagem e denodo, deve tainhem o exercito portuguez participar dos louros dessa campanha.

— Acho justo, não se desperdiçar assim rivalidades sempre inconvenientes e prejudiciais, acrescentou D. João.

O rei amava os Brasileiros, procurava promover o engrandecimento do Brasil, e lamentava a rivalidade existente entre Portuguezes e Brasileiros, considerando todos seus subditos.

Mas não pensavam assim os seus conselheiros e fidalgos; quasi todos favoreciam aos seus compatriotas, davam-lhes os bons empregos e propinas e espezinhavam os Brasileiros.

— E quem indica, meu senhor, para ser encarre-

41

gado da commissão a Portugal, perguntou Thomaz Antonio :

- Julgo apto para isso o marquez de Angeja.
- E' judiciosa semelhante lembrança, assim será afastado esse fidalgio, que esteve aliado à maçonaria. Sorriu-se o rei, e acrescentou.
- Traga o alvará da nomeação para ser assinado.

- E quem ordena para juiz da inconfidencia, cargo que convém crear para cuidar das sociedades secretas?
- Já reflecti sobre o caso, deve ser o desembargador Albino Fragoso.
- E' muito digno.
- Passe o alvará e apresente-o no primeiro despacho.
- Vou cumprir as ordens de vossa magestade, disse o ministro beijando a mão do rei e retirando-se.

Contente ausentou-se Thomaz Antonio por ver que o monarca, fora do seu costume, mostrara-se resoluto e prompto na resolução das medidas propostas.

Descendo ao primeiro pavimento do paço encontrou-se com o guarda-roupa Mathias Loubato e saudando-o disso-lhe.

- Acabo de estar com el-rei, que mostrou-se hoje alegre e satisfeito.

Talvez por haver recebido agradáveis notícias da capitania de Pernambuco, onde foi sufocado o movimento republicano.

- E' exacto.

— E por esse jubiloso acontecimento mandou o rei celebrar solemne te-deum na capella deste palacio.

— Assisti ao acto, e mais uma vez apreciei os musicos e cantores da real capella.

— Mas, mudando de assunto, não quer Sr. ministro jogar o gamão, perguntou o guarda-roupa.

— Vamos.

E tomado Thomaz Antonio o braço do guarda-roupa desapareceram ambos nos longos corredores da residencia real.

Quando se achava no palacio de Santa Cruz recebia D. João a todos, e a todos attendia, conversava affavelmente, dava audiencia em dous dias da semana e recolhendo os requerimentos, que lhe entregavam, passava-os no camarista, respondendo.

— Fallarei ao ministro.

Ouvia todas as queixas quer contra os ministros quer contra os governadores das capitarias; com paciencia e bondade attendia a todos, e não se alterava com ninguem; apenas sorria quando ouvia disparates.

Entregando-lhe uma velha, em dia de audiencia, um requerimento disse-lhe.

— Fale ao Thomaz Antonio.

— Quem é esse sujeito?

— É o ministro do reino.

— Eu não entendo dessas cousas, d'com meu senhor quo mo quero entender.

— Riu-se D. João, e entregando o requerimento ao camarista, disse á mulher.

— Procure amanhã pelo despacho.

E em tudo fôi-lho favorável.

Era esse em geral o seu procedimento, tendo quasi sempre palavras benevolas para dirigir a todos, e esperanças para repartir com todos os precententes.

A pobresa, que residia no curato de Santa Cruz, logo que tinha noticia da chegada do rei, vinha implorar a sua caridade, e era attendida. Não se esgotava a filantropia do monarca, nem jamais diminuian os auxílios de sua bolsa.

Estando em audiencia, e depois de haver recebido varios requerimentos concerntes uns a assumptos diversos, outros implorando esmolas, viu approximarse a infanta Isabel Maria, a quem muito presava, e que acabava de chegar da cidade, chamada por seu pae para estudar e ensaiar uma musica de festividnde religiosa.

Beijou a infanta a mão do rei seu pae, que retribuiu-lhe com um beijo na face.

— Venho participar a meu pae que hoje mesmo começarei o estudo da aria, que tenho de cantar na festa da degolação de S. João Baptista, quo vossa magestade tencionava celebrar neste seu palacio.

— Muito bem, minha amada filha. E dando por finda à audiencia, retirou-se o rei offerecendo o braço a infanta, e sendo acompanhado pelo seu camarista effactivo conde de Paraty e guarda roupa Mathias Louhalo.

Quer a princeza Maria Thereza, quer a infanta Isabel Maria sahiam bem musica o tinham voz harmo-

niosa. Cantavam nas serenatas que D. João costumava dar no palacio de S. Christovão, assim tambem era excellente musico o principe real D. Pedro, como é notorio.

Transferido Luiz Prates das prisões da ilha das Cobras para a fortaleza de Santa Cruz nali permanecou incomunicável longo tempo. Foi diversas vezes interrogado pelo desembargador Fragoso e acareado com diversas testemunhas. Procedendo-se à rigorosa busca em sua casa apenas encontrou-se, como já vimos, um triângulo maçônico. Não apareceu papel algum escrito, quo o comprometesse, ou indicasse a existência de loja maçônica naquele domicílio. Foram concordes todos os vizinhos em testemunhar o bom procedimento e o modo de vida honesta do honrado cidadão, que cauteloso e firme no voto, quo prestara filiando-se à maçonaria, não fez a menor revelação à autoridade. Mas apesar disso, e sem haver o juiz lavrado sentença contra elle, foi no fim de algum tempo degradado para Goa, na India.

Soube disso Antônio Gonçalves e mais horrorizado ficou dos mações.

Desde que tivera a conversa com o major Mello, suspeitando logo que tratava-se de sua filha, começou a espreitar-lhe os passos, e receiundo-se da beata Quiteria, que in repetidas vezes à sua casa, procurou não perder a de vista.

Entrando certo dia a velha em casa dellé viu cair-lhe do bolso da saia um papel. Disfargou e assim que

teve occasião apanhou-o; era uma carta de namoro. Lendo-a ficou possesso, quiz reprender a filha e prohibir a entrada da velha nun sua casa, mas julgou mais acertado usar de prudencia. Na carta repelia Eduardo Maia fervorosas juras de amor a sua amada.

Pensou Antonio Gonçalves que assim como cahira em seu poder essa carta, outras poderia obter, que compromettessem mais ao rapaz, e servissem de prova para ser elle degradado para a India.

Naquelles tempos atrasados, e de governo absoluto, facil era conseguir-se o degredo para a Africa ou para a India de qualquer individuo apontado como desordeiro, malfeitor, ladrão, jacobino, vadio, chrio, desobediente ao rei e ao altar e desencaminhador de moças solteiras, ou mulheres casadas.

Indo ter com sua esposa disse Antonio Gonçalves.

— E' necessário evitar o namoro da Alice com o Eduardo.

— Deixa-te disso, ella é moça e deseja casar-se. Além disso, o Tapaz parece ser bom.

— E' o diabo que o cangrejo, tem contra si a condenação da Igreja.

— Que diu!

— E' pedreiro livre!

— Santa Nome de Jesus, S. Jeronymo nos acuda, pronunciou Maria benzendo-se.

— Deus Nosso Senhor afasto de nós semelhante homem, acrescentou Gonçalves.

Nesse mesmo instante avistava Alice da Janella do

sotão o seu amante, e com os dedos atirava-lhe um beijo casto e inocente, promessa de amor e esperança, signal de constancia e firmeza.

33

Resolvendo passar algum tempo na fazenda do Santa Cruz, e celebrar ali a festividade da degollação de S. João Baptista que o rei houvesse musica nova nessa solemnidade. De semelhante tarefa foram encarregados os dous mestres da real capela Marcos Portugal e José Mauricio. Ambos eram musicos inspirados e magistras em suas composições; e ião agora medir o seu talento e inspiração artística.

O musicó português Marcos Portugal gastou um mez em compor as matinas para a festa, e o padre José Mauricio, artista brasileiro, compoz em quinze dias uma grande missa e credo, que ainda hoje se executam.

Essa luta artística veio tornar mais vehementemente a rivalidade entre os dous notáveis compositores..

Se eram os sibilgos invejados no seu compatriota Marcos Portugal, mostrava D. João decidida predileção pelo musicó brasileiro. Estimava-o, e em plena corte havia-o condecorado depois de ouvir-lo executar umas variações do piano, tirando da casaca do conde de Villa Nova da Rainha o lenço de Christo para pregarlo com suas próprias mãos na batina do inspirado artista.

E mostrava-se o rei arrebatado sempre que ouvia o musicó brasileiro tirar do piano sons harmoniosos. -

Neste e em outros factos manifestava D. João os seus sentimentos generosos. Se a corte desmoralizada,

interesseira e prepotente via com rancor e odio o desenvolvimento do Brasil, presava o monarca portuguez a este paiz, apreciava o seu progresso e amava os Brasileiros; porém fraco, irresoluto, e sem energia moral, tolerava que os seus fidalgos, arrogantes, altivos, ignorantes e presumidos, commetesssem injustiças e arbitriadades; não sabia resistir-lhes, e apesar de rei dispotico, vivia cercado e dominado por elles, que zombando das leis, abusavão e prevaricavam.

Hesitando muitas vezes em fazer aquillo mesmo que no seu entender parecia justo, ouvia esse rei os conselhos de diversos validos sobre o mesmo assunto, não lho bastava um só, cada fidalgo era consultado por sua vez, e como era conhecido o character versatil e indeciso desse soberano, procurava a sua corte embraçá-lo mais, apresentando cada fidalgo opinião contraria à idéa primitiva. E essa tactica trazia o rei atado, irresoluto e sem vontade própria.

Quem não podia alcançar para si o valimento e a confiança do rei procurava desacreditar aquelle, que della estava gozando. Reinava assim no paço uma intriga continua, ignobil e baixa, e sacrificada era o ídolo que todos queriam adorar. Como D. João era fraco, dubio e inconstante no seu modo de pensar, de tudo aproveitavam-se os fidalgos para illudi-lo e emminucialha-lo na marcha governamental. E todos os meios eram licitos embora sacrificassem o paiz, a honra e a dignidade sua e do proprio rei.

Foi em Santa Cruz que Thomaz Antogio fez pela primeira vez presentir a D. João que não se devia contar por muito tempo com a união da Brasil e Portugal, e insinuou a necessidade de darem-se títulos de nobreza a alguns brasileiros, e admitti-los também no ministerio.

— É uma inepcia semelhante proposta, disse o conde de Paraty ao rei, quando este externou-lhe o pensamento do seu ministro.

— São utupins do Sr. Thomaz Antonio, acrescentou o conde de Magó

— Como não deixou em Portugal extirpe illustre, não duvida enxertia-la com gente de mais ou menos; fallou o conde de Villa-Pouca.

— Dizer que não viverá o Brasil unido por muito tempo a Portugal ! Ali é querer vaticinar a sorte das nações, o que só pertence a Deus, sentenciou frei Custodio.

Ouvindo os seus conselheiros o rei sorria e abanava com a cabeça, mas repentinamente fechando o semblante, como costumava fazer quando queria mostrar-se reservado, após ligeiro cumprimento, ausentou-se com passo vngaroso apoiado em seu bastão de jacarandá por estar sofrendo de uma das pernas.

Realisávase poucos annos depois o vaticínio de Thomaz Antonio, tornando-se o Brasil nação livre e independente.

Informado o rei do pouco tempo que despendeu o padre José Mauricio na composição la missa e credo

para a festa da degollação de S. João Baptista, sahindo
oerto dia do ensaio da partitura, a que fora assistir,
disse ao distinto musicó brasileiro.

— Além do seu ordenado de mestre da capella re-
ceberá de hoje em diante mais uma pensão paga do meu
bolsinho.

Curvou Jcs.º Mauricio o joelho, e beijou agradecido
a regia mão, que o favorecia.

Persistia Francisco da Silva nos seus galanteios com a dama do paço.

Era então numeroso o cortejo de criados e criadas da casa real.

Além dos camaristas, guarda roupas, veadores e criados de diversas denominações e categorias, e também moços de muitas denominações, classificados segundo suas obrigações, havia as damas de honor, nins, açafatas, criadas particulares, donas da porta e moças do labor, do quarto, da camara e outras e mais outras de diversos nomes conforme seus misteres e ocupações.

A dama, que ouvia e aceitava os idylls e finezas do reposteiro da camara, chamava-se Eugénia, graciada, e entre as muitas, que habitavão o paço, era sem dúvida uma das mais formosas.

O conde de Valladares, camarista particular do príncipe D. Pedro, já havia surpreendido o reposteiro Francisco da Silva a beijar a dama querida, e se não revelara semelhante galanteio, sórria para não dar escândalo no paço.

Era então communs as intrigas, as relações e seduções amorosas na residência real. Havia um amor desbragado entre fidalgos e fidalgas, entre criados e

53

creadas das diferentes categórias. Reinava ali luta amorosa, veemente e constante, e não era raro daram-se scenas pouco decorosas. De alto vinha o exemplo. Falava-se do genio leviano, das maneiras desenvoltas da rainha Carlota, do desprezo que tinha pelo marido, de suas relações ilícitas com certos titulares.

Não dedicava-lhe o nigrido confiança alguma. Murmurava o povo contra os escândalos da casa real, mas muito à puridade, pois, naquelles priscos tempos, não levantava-se impunemente a ponta do véo, que cobria as mazelas das altas classes sociaes, quanto mais da casa de el-rei nosso senhor!

Era Francisco da Silva omante do sexo fraco e inclinado às aventuras amorosas.

Frequentava a casa de Antonio Gonçalves, e mostrava-se solícito em render finezas à filha do ajudante do almoxarife.

Conversava em certa occasião com o pai de Alice, que dizia-lhe.

— Tenho vontade que minha filha se case.

— E' natural.

— Mas desejava para meu géru um moço honesto e de posição social. Sabe que devemos honrar a classe, que ocupamos na sociedade.

— E' certo, collega.

— E se encontrasse algum empregado do paço... E Antonio Gonçalves começou a brincar entre os dedos com o pesado sinete, que trazia pendente da grossa corrente do relogio.

— Seria bom, ficaria tudo em casa, como se diz,
aumentou o moço, olhando de soslaio para o velho.

— E o senhor não pensa em casar-se?

— Pôde ser, retrorquia Francisco da Silva, relan-
çando o olhar para o interior da casa, de onde se
ouvia a voz da filha de Antônio Gonçalves, a qual en-
toava uma modinha do tempo, que começava assim:

Os homens querem
Nos enganar,
Mas nós devemos
Acautelar

Os homens querem
Nos illudir,
Mas nós devemos
Deles fugir.

— Bonita voz tem a sua filha, elogiou Francisco da
Silva. Porque não a matrícola na aula de musica do
padre José Maurício, na rua das Marrecas, para ouvir
algumas lições?

— A menina não pensa agora em dedicar-se ao es-
tudo da musica, quer marido, quer marido, repetiu
Gonçalves a sorrir.

O mesmo fez o reposteiro do paço.

Nessa occasião entrou na sala uma escrava, que veio
anunciar a hora do jantar.

E forão os dous para a mesa.

Celebrou-se na capella do palacio de Santa Cruz a festa da degollação de S. João Baptista com pompa e grande concurrencia de povo. Houve matinas, missa cantada, sermão e te-deum, e salvas e foguetes do ar em abundancia. Se a musica de Marcos Portugal agradou a todos, impressionou e entusiasmou o auditorio a de José Mauricio.

Pregou na festa e no te-deum o franciscano frei Sampaio, que arrebatou os ouvidos com sua palavra inspirada.

Ao descer do polpito receben verdadeira ovacão dos amigos, que aplaudindo-n'o e abraçarão pela impressão profunda, que sobre todos causara a eloquencia inspirada do orador.

Mandou o rei chamar-o á tribuna, e em signal de estima offereceu-lhe uma hoceta de ouro para rapé. Era a terceira ou quarta, que, em identicas circunstancias, recebin das mbos reaes!

Na mesma occasião desclão do coro os musicos pre-cedidos dos insignes mestres Marcos Portugal e José Mauricio.

Se o primeiro era festejado pelos fidalgos portugue-zes, era o segundo recebido entusiasticamente pelos

Brasileiros encantados dos sons harmoniosos e cadentes
da linda partitura exhibida pelo maestro.

Já então era viva a rivalidade entre Brasileiros e
Portuguezes, como se previassem ambos, que breve
rariaria o dia, em que o Brasil e Portugal serião duas
nações diversas.

Chamdos á tribuna real ouvirão os dous musicos
da bocca do rei palavras lisongeiras.

Durante a festividade foi tal a concurrenceia popular,
que atropetada ficou a Igreja, que muitos tiverão de re-
tirar-se para o atrio, alim de respirar ar melhor. Fran-
cisco da Silva foi um delles, e no chegar á porta encon-
trou-se com o marido de Eugenia, o que não deixou
de contrariá-lo.

— Que calor intenso, disse o marido da dama, o
qual também era empregado do paço.

— Excessivo, replicou Francisco da Silva.

Atravessava nessa occasião o portão fronteiro ao
palacio um boi com seu passo tardio e grave.

— La vai o Patrício.

— Quem, perguntou Francisco da Silva.

— O boi Patrício, que veio com outros para forne-
cimento de bordo, quando a familia real emigrou para
o Brasil, e havendo chegado vivo ao Rio de Janeiro
or lenon el-rei que o conservasse, e mais tarde man-
dou abonar-lhe a diária de quatro centos réis. (*)

— E' aquello?

(*) É facto tradicional.

— E' Conduzia em uma carroça a agun da Carioea para o paço do S. Christovão, mas tendo emmagrecido muito, foi remetido para os pastos desta fazenda.

E' então o Patricio estimado pelo soberano?

— E', tem uma pensão e vive sem trabalho nestes campos.

— Então entre tantos animaes, que habitão estes dominios reaes, é um dos mais aquinhoados!

— Certamente, e talvez hajão aquel individuos, que desejassem a sorte daquelle boi acrescentou o'marido de Eugenia.

E os dous rindo-se separaram-se, indo o reposteiro esperar em um dos corredores do palacio a dama, do quem vivia enamorado, pois havendo terminado a festividade, teria ella de recolher-se ao seu aposento.

De feito não esperou muito tempo. Appareceu Eugenia em companhia de outra dama, que, subindo uma das escadas, foi ter no seu quarto no pavimento superior do paço, deixando-a só.

Vendo o seu apaixonado disse-lhe:

— O senhor aqui! O meu marido está na capella.

— Estive com elle ha pouco, e foi agora passear no pomar.

— Mas pode voltar.

— Não virá já. E eu estava aqui a espera para cumprimentar a rainha...

Interrompendo-o replicou Eugenia.

— Agora não faltou verdade, porque, como sabe, a

58

rainha não assistiu à festividade, ficou na cidade no seu palacete do largo do Machado.

— Eu queria dizer que desejava saudar a rainha da festa.

— Lísongelro, e a moça sorrindo, disse ao seu amante.

— Mas sinto passos, ali vem gente.

Era o criado particular do rei Thomaz Carneiro, com quem encetou ligeira conversação o reposteiro Francisco da Silva, enquanto Eugenia, subindo a primeira escada, que encontrou, recolheu-se ao seu camarim no segundo pavimento do palacio.

Moço, dispendo de dotes physicos, afeiçoado ao bello sexo, empregado no paço, que naquelles tempos era causa de grande valla e importancia, desejava Francisco da Silva contar de dia para dia novas aventuras amorosas, no que a fortuna já o havia ajudado issaz.

Começou a fazer repetidas visitas á casa de Antonio Gonçalves para ver se subjugava o coração de Alice. Já não lho bastava o amor da dama do paço, queria prender o coração de outra moça, e viver assim completamente envolvido nos liames do amor.

Alice era moça esbelta e trazia mais do um moço embevecido dos seus encantos, e assim queria Francisco da Silva ter a gloria de haver feito tão esplendida conquista amorosa.

Se realizasse' seus desejos contaria mais uma vitória, um triunfo mais e blasonaria, como costumava fazer, que era preso por tão linda donzella.

Concedia-lhe Antonio Gonçalves amizade e intelecto confiança, da qual estava disposto a abusar, logo quo as circumstancias lho fossem favoraveis.

Se encontrasse firme oposição, vigorosa resistencia á seus projectos de seduccion na filha de Antonio Gonçalves, talvez pensasse em casar com ella, no que nore-ditava não ficaria de máo partido, não só por ser a moça

16

formosa, como tambem por ter o pai posição social, e dispor, conforme diziam, de um cabedal de boas dólbras de ouro.

As suas repetidas visitas á casa do velho já serviam de thema para as conversas dos vizinhos.

Dizia um tenente do regimento de Bragança, vizinho proximo de Antonio Gonçalves, quando via entrar Francisco da Silva na residencia daquelle.

— Essas visitas repetidas de Francisco da Silva sigo inconvenientes, não achas minha mulher?

— São prejuízoaes á honra da filha do vizinho.

— Queira Deus não tenha ello de arrepender-se.

— Ellos dois são da casa real o lú se entendem.

— E' assim, e não é para que digamos, digna de servir de exemplo a moralidade, que corre no palacio do rei.

— Mas caluda, e elles que continuem a semear tão maos principios.

E ficou o tenente firme no seu posto, por traz da rotula á espreitar a vizinhança, cousa que faz muita gente ate de mais alta potente. Quanto a mulher continuou a tecer uma renda em almofada de hilros.

Murmurovam outros tambem sobre o caso, e a seu modo ião inventando e propalando cousas não mui favoraveis á honra da donzella.

A malidicencia é mal antigo e contagioso, t sna e por súa fere, é vai se estendendo, como esses reptis, quo á medida que se arrastam, parece que vau augmentando de comprimento.

Mostrava-se Alice contrariada com a presença do moço, não lhe fazia bon cara, mostrava-se esquiva, fugia-lhe, e raras vezes respondia-lhe às perguntas e galanteios.

— Hei de atraíbil-a pouco a pouco, repetia o sedutor.

Aflijia-se Eduardo com as visitas do seu rival à casa do ajudante do almoxarife, tornava-se ciumento, repetia cartas amorosas, e duvidava da constância e fidelidade da donzella. E maldizia-se o pobre moço, vivia inquieto e desgostoso.

Uavendo festividade religiosa o fogo de artifício na igreja do largo da Lapa, convidou Francisco da Silva a família de Antonio Gonçalves para assistir a esses festejos. Aceito o convite foram todos, tendo o reposteiro do paço a dita de dar o braço a filha do ajudante do almoxarife.

Correu solemnemente o te-deum, sendo orador o franciscano Monte Alverne, que tão alto elevou a faixa do pulpito brasileiro.

Começado o fogó de vistas in tudo a contento de todos, quando despregando-se uma das rodas que ardia, caiu sobre o povo, produzindo grande alvoroço e confusão. Corriam os espectadores de um para outro lado, as crianças choravam, as mulheres grilavam e tinham ataques, e aumentavam o alerido os assobios e vaias ao foguetário.

Julgou Francisco da Silva azada a occasião para por em prática o plano de afastar-se com a filha de

Antonio Gonçalves. De feito no meio da confusão popular, perdendo de vista os pais de Alice, e simulando querer afastar-se do tumulto do povo, disse para a donzella.

— Fugamos por aqui.

E dirigindo-se ao beco do Imperio foi ter á rua de Santa Thereza, hoje do Dr. Joaquim Silva.

Mui pouco habilitada era essa rua naquelle tempo, especialmente do lado do morro poucas casas tinha, separadas por extensos muros, ou cercas de espinho.

Arredado do lugar do sinistro, e em ponto solitário, disse elle à filha de Gonçalves.

— Estamos aqui livres de qualquer perigo, e em lugar de poder fazer-lhe minhas revelações.

— Mas, senhor, estou longe de meus pais...

— Que receia?

— Não sei, mas convém irmos ao seu encontro.

— Será difícil por ora, pois é imensa a onda popular, e antes peço-lhe que ouça-me.

— Não o attenderei agora, se quizer revelar quais seus intentos deve fazê-lo em presença de meu pai.

— Siga-me e será feliz.

— Jamais. E Alice afastando rapidamente o seu brago do do moço, retrocedeu caminhando apressadamente.

Compreu Francisco da Silva a seguir-lá procurando animal-a e convence-la.

Andavam afflictos os pais de Alice em procurá-la,

quando encontrando-se com o Eduardo Maia referiram-lhe o que acontecerá.

— Vou procura-la, disse Eduardo, e partiu logo.

Percorreu apressadamente as ruas vizinhas, e no momento em que a moça reluctava mais com o reposo, teiro, apareceu elle.

— Seus pais procuram-na afflictos e cuidadosos, ponderou elle.

— Pois conduza-me aonde elles estão, disse Alice, remimando-se e tomando o braço do moço.

Retrabiando o seu ressentimento, retorquiu Francisco da Silva.

— Na occasião do borborinho popular perdemos de vista no Sr. Antônio Gonçalves e sua senhora.

E contrariado foi acompanhando a Eduardo e a filha do ajudante do almoxarife.

Restituída Alice a seus pais mostraram-se estes alegres e satisfeitos, e tal era a confiança, que tributavam ao reposteiro Francisco da Silva, que não causou-lhes o incidente a menor suspeita. Acompanhou Francisco da Silva a família à casa, e Alice ainda bastante abalada pelo que acontecera, não ousou fazer a menor revelação aos pais, e quanto a Eduardo desapareceu no meio da onda popular.

Referiu o major Mello a Eduardo Maia a conversa, que tivera com Antônio Gonçalves, na igreja da Cruz, relativa ao casamento da filha deste.

Ficou o moço contrariado e pesaroso, mas acrescentou:

— Estão actualmente fechadas as lojas maçônicas e dispersos os sócios, e assim não deve o Sr. Gonçalves ter tanto receio das mações.

— Ponderei-lhe semelhante circunstância, replicou o major, mas disse-me elle, que continuava o senhor a pertencer à associação.

— E se me compromettesse a deixa-la para sempre?

— Não faça tal, se alistou-se nessa seita, e prestou juramento de conservar-se fiel às suas leis, para que renegar o seu voto! Não há motivo para isso. Esqueça antes esse amor, que não lhe pode trazer ventura.

— Não penso assim, e jamais olvidarei esse amor.

— São assim todos os namorados, porque nelles pesa mais o coração do que a cabeça. Mostrão muito sentimento, porém pouco juízo. Julga então mais fácil renegar os seus compromissos perante uma grande corporação, do que apagar uma paixão, que para si co meça tão mal!

— Mas procurarei superar todos os obstáculos.

— Bem, permaneça firme no seu amor, seja prudente e reservado, mas conserve-se também unido à maçonaria, filiado a essa sociedade útil e importante.

E os dois amigos fôrão conversando até a porta da alfândega, que nessa época era na rua 1º de Março em frente à do Hôspicio.

Separarão-se ali entrando Eduardo para a sua repartição.

Apezar de não ter ouvido de Francisco da Silva nenhuma revelação a respeito de casamento, julgou Antônio Gonçalves ser conveniente ir preparando o animo de sua filha em favor desse moço, e assim dizia-lhe elle com certo din.

— Ainda não pensaste em ter um noivo.

Sorriu-se Alice, e não osou pronunciar uma palavra.

— Todavia é preciso voltares à tua attenção para um moço conceituado, que sirva, e de posição social e de recursos, que te possa fazer feliz.

— É assim, meu pai.

— E creio haver um nessas circunstâncias.

— Ah, o qual é elle?

— O Francisco da Silva, empregado da casa real, que vem visitar-nos amiudadas vezes, e parece ter por ti decidida inclinação.

— Não sei se serão puras as intenções desse moço, acrescentou Alice, dissimulando o seu ressentimento.

— E porque não! É moço honesto.

66

— Não sei, mas apesar de desejar obedecer-vos em tudo, não quero semelhante homem para marido.

— Não queres, é ousas responder assim a teu pai! Preferes talvez algum pelintra?

— Não senhor, ainda a um moço pobre, porém honrado e digno.

— A queim, perguntou Antonio Gonçalves, como se nada soubesse das relações amorosas da filha.

— Ao empregado... E a moça hesitou.

— Dize, falle.

— Ao empregado da alfandega Eduardo Maia.

— Vai-te dali tolinha. Queres então casar com um endemoninhado e alma de Satãnnaz!

— Porque falla assim meu pai!

— Pois não sabes que elle pertence á maçonaria?

— E que tem isso? É uma sociedade como qualquer outra.

— Bonito, e quem te ensinou semelhante doutrina?

— Não dizem que até na casa real ha mações!

— Não te mettas em semelhantes fouduras. E fiques sabendo que com semelhante seclerado não te casarás. Ou aceitas o noivo que te indiquei, ou encerro-la em um convento.

Começou Alice a chorar.

— Empregas em vão as lagrimas, porque não me cominoventi. Se não mudares de pensar, faço-tó apenas uma concessão, a de escolheres o convento a que tiveres de pertencer, isto-é o de Santa Thereza ou o de Nossa Senhora d'Ajuda.

E Antonio Gonçalves retirou-se deixando a Alice lavada em pranto.

Nessa occasião ouviu-se junto à porta de entrada da casa uma voz, que repetia :

— Esmola para sua devota.

Aurio a moça a rotula, e ao dar a esmola à pobre disse-lhe esta :

— Aqui tem uma carta do Sr. Eduardo Moio.

— Obrigada, miú Quiteria, balbuciou Alice.

Fechando o postigo correu Alice para dentro, e leu imediatamente a carta; e reanimando-a logo as expressões apaixonadas dessa missiva de amor.

Essa cartinha, esse papel enfeitado e perfumado, foi para ella de grande conforto naquelle momento de aflição, entornando-lhe n'alma resignação e esperança.

Além da fazenda de Santa Cruz costumava D. João VI passar também alguns dias do anno na Ilha do Governador, onde o abade benedictino frei João da Madre do Deus mandara edificar um palacete de recreio para o rei e sua familia. Ali entregava-se o velho monarca aos prazeres da caça, e além dos seus folguedos venatorios, ensaiou em um terreno proximo a cultura do chá.

Acompanhavam-n'lo ao passeio da ilha os principes seus filhos, a princesa Maria Thereza ou alguma outra filha, mas a rainha quasi nunca ia.

Logo que chegou no Rio de Janeiro foi à rainha Carlota residir com as filhas na chacara dos Bastos em Botafogo. Julgando-se mal acomodada foi habitar no Rio Comprido uma casa da rua, que desde então chaminou-se da Rainha. Ainda não se achou a seu gosto nessa habitação, e por isso mudou-se para a chacara do commendador Gomes Barroso no Engenho Velho. Residiu também algum tempo na fazenda do Capão pertencente á familia do bispo' Mascarenhas, depois no engenho Merily, que comprou para si, pelo que ficou se chamando da Rainha, nome que ainda conserva. Tratou depois de fazer aquisição de dous predios do largo do Machado, hoje praça Duque de Caxias, e ali mandou construir um palacete e capella, que mais tarde serviu

de matriz, quando creou-se a freguesia da Glória. Ali permaneceu a mulher de D. João VI até ausentar-se para Lisboa.

A custo do Estado fizeram-se obras importantes nesses predios ocupados pela volvel soberana, que jamais mostrou-se solicita em pagar alugueis daquelles, que pertenciam á particulares.

Ve-se assim que gostava ella de mudar da residencia, evitando a convivencia do esposo, com quem vivia em constante desharmonia.

Apetececia-lhe estar só e livre, machinando sempre planos e truques, e forjando astacias e seduções.

A minha Carlota era magra, de pequena estatura e feia. Caprichosa e de genio volvel, encontrando aberto o erario para satisfazer a todos seus caprichos e extravagancias, vivia afastada do esposo como formando outra corte, e outro circulo politico. Illudiá e machinava contra o proprio marido, que não sabia, ou não podia doma-la.

Having resolvido passar alguns dias na ilha do Governador para alli dirigiu-se D. João acompanhado da princesa Maria Thereza, dos príncipes D. Pedro e D. Miguel e dos fidalgos e creados de sua casa.

- Na ilha entretinha-se o rei em caçadas, no cultivo do chá e outras plantas, em palestras com os monges benedictinos, ou entoando com elles o canto chão no que era perito, e assistindo a actos religiosos, cousa á qua era mui inclinado.

79

Tendo chegado à ilha, escreveu, no fim de alguns dias, o seguinte bilhete ao ministro Thomaz António.

« Querendo estar aqui mais alguns dias julgo que me quererá falar, querendo venir amanhã; deve saber que do desembarque n'írá esta casa é longe, e no caso que venha me dirá para lhe mandar pôr cavallo, e o correio vne autorizado para lhe mandar por as mudas do costume, se lhe disser que as ponha. »

J. C. (*)

J. C., isto é, João Carlos, pois era assim que se assignava D. João quando escrevia as suas missivas particulares.

Logo que recebeu a carta dirigiu-se o ministro para a ilha, e compareceu imediatamente na residência real.

Trazia inquieto o rei a agitação, que se dera na Espanha, e prévia, como aconteceu, que se estendesse ao reino portuguez. Aconselhava-o Thomaz António que contentasse ao povo e aos negociantes animando o fabrico do vinho, dos pannos de linho, saragogas ou borceis, que impuzesse tributos sobre o vinho e mais produtos estrangeiros, e escolhesse e nomeasse outras autoridades, que agradassem mais ao povo de Portugal.

Opinavam outros conselheiros, que se transferisse para a Europa a séde do reino, e outros que se enviasse para ali algum membro da familia real.

(*) Autentico.

Preocupavam semelhantes questões aos ministros e conselheiros regios, sendo divergentes os votos e diversos os pareceres.

Se Thomaz Antonio pensava de um modo, reflectia de outro o conde dos Arcos, tinha opinião controversa o conde de Palmella, e assim outros.

Vivia o rei inquieto e afflito com semelhantes questões, e passava horas e horas, encerrado em seu gabinete, lendo ofícios do ministro inglez e de outros diplomatas, ou os pareceres de seus conselheiros e ministros de estado.

Em quanto preocupavam-se os politicos com semelhantes projectos e planos, procurando resolver as magnas questões, em quanto o rei vacilava, mostrava-se dublo e irresoluto, continuava Francisco da Silva no seu enlevo de amor e sedução. Se encontrava-se com a dona do pago rendia-lhe sempre finezas, dirigia-lhe um sorriso, ou beijava-a, ou fazia-lhe uma caricia. Persistia em sua paixão, firme e constante, certo talvez de que aquella mulher breve se renderia a seus afugos.

Avistando-a em uma das salas approximou-se e disse-lhe,

— Ainda não a tinha visto hojo.

— Estive toda a manhã com a princesa D. Maria Thereza.

— E eu sempre firme cojno o castiçal da sala da tocha para vel-a passar.

— E' preciso ter prudencia e fallar baixo por que vi el-rei no gabinete proximo.

— Ah, mas eu amo-a tanto. E com fervor beijou-a.

— Eu também o amo.

— Ah repita uma e muitas vezes essas palavras, quero ouvir essa confissão da sua boca para sentir todo o prazer em minha alma. E tornou a beijá-la.

— Senhor.

— Deixe-me abraça-la, unil-a no meu peito para sentir o seu coração junto do meu.

E no momento em que Francisco da Silva apertava contra o seu peito o seio agitado e protuberante da mulher, que requestrava, abriu-se uma porta e apareceu D. João, que surpreendendo-os bradou.

— Que ousadia é essa!

— Perdão meu senhor, murmuraram ambos ao mesmo tempo, que se afastaram e procuraram beijar a mão do monarca, mas este afastando-se retrucou.

— Retirem-se para os seus aposentos.

Ambos obedeceram imediatamente.

Contrariado por ter presenciado em seu palácio semelhante cena amorosa, fechou D. João o semblante, e de cabeça baixa caminhou vagarosamente para seu gabinete.

Sabia elle que corria pelo paço muita immoralidade, que eram allí communs entre damas e cavalheiros os gânticos, juras e entrevistas de amôr, que de sua própria esposa murmuravam, censurando a sua vida impudica, os seus modos desenvoltos, mas desejava ostentar toda a moralidade. Commedido em seus actos, reservado em suas ações, patealeando quanto possível a sua gravidade, exasperava-se quando era informado

de qualquer acção deshonesto occorrida no paço, e mais contrariado ficava quando elle proprio era testemunha de qualquer acto contra o decoro e a decencia.

Nervoso, irritado pelo que presenciara, tocou o rei com força a campainha, que tinha sobre a mesa. Compreeceu imediatamente o seu creado particular Thomaz Carneiro.

— Que deseja, meu senhor, perguntou o creado entrando e fazendo profunda cortezia.

— Onde está o guarda-roupa Mathias Loubato.

— Está passeando no jardim.

— Vá chama-lo.

Saiu o creado depois da competente reverencia. Vindo o guarda-roupa pediu-lhe o rei o seu chapéu armado, o seu bastão de jacarandá, e disse-lhe.

— Vamos passear.

E em passeio para distrahir-se da contrariedade, que há pouco exprimentara, foi caminhando ate o poço d'água nascente, distante um quarto de hora do convento. E de cuja agua se servia D. João quando se achava na ilha.

Chamava-se a fonte do Carico, e ainda hoje vêem-se as paredes velhas e as ruínas da casa de telha, que cobria semelhante poço.

Pediu ao guarda-roupa que lhe desse um pouco d'água, e regressou para o palacete.

Durante o passeio não dirigiu o rei uma unica palavra, ao seu guarda-roupa sobre o incidente, que se dera em sua casa, nem este ousou, segundo a etiqueta, fazer a menor pergunta.

Na noite do dia em que se dera o incidente amoroso presenciado pelo rei, conversavão o reposteiro do paço Francisco da Silva e a dama Esgenia.

- Estamos perdidos, murmurava elle.
- Que desgraça, acrescentava a dama.
- Convém fugir, quando não acrei vergonhosamente despedido deste paço, dizia elle.
- Eu vos acompanharei; mas para onde iremos?
- Mandarei apparellhar douz cavallos, que nos levarão ao ponto de embarque, e ali em qualquer canoa de pescador navegaremos para a cidade.
- E depois?
- Chegados á cidadela, irei ás cocheiras do paço, na rua Fresca, e pedirei uma sege, que nos conduzirá á chácara de um amigo, no Cosmo Velho.
- E seremos recebidos?
- Com certeza porque esse individuo deve-me favores de muito peso e valia.
- Mas fugirmos da residencia de el-rei, não será isso praticar um escândalo?
- Mas assim (alvez procure o rei lançar ao desprezo o acto que presenciou, e se permanecermos aqui virá a perda.

Mostrando-se convenida com este argumento, e

desejando acompanhar o homem que amava, recolheu-se a dama ao seu aposento para preparar-se para a partida, enquanto tratava o reposteiro de mandar apparelhar os cavallos.

Disposto tudo vete elle buscar a amante, e montando a cavallo seguirão os dous para o ponto de embarque. Tomando aliá uma canoa seguiu-o para a cidade.

Desembarcando no largo do Paço, hoje praça 15 de Novembro; Francisco da Silva foi buscar a sage, e entrando nalla com a sua companheira seguirão para o Cosme Velho.

Chegados à casa indicada desceu elle só, faliou com o amigo, e passados instantes veio buscar a amante, e ambos recolherão-se a um aposento.

— Estamos salvos, disse elle abraçando a Eugenia.

— Assim não decreta el-rei algum castigo contra nós; articulou Eugenia.

— Agora que só o amor nos deve preocupar para que empanar a nossa felicidade com idens tristes, disse Francisco da Silva beijando a amante.

Na manhã, seguinte logo que o rei acabou de fazer a barba e vestir-se, referiu-lhe o seu criado particular a fuga da dama do paço com o reposteiro.

Mostrou-se o rei admirado, como se nada houvesse presenciado na vespera entre os dous namorados, mas franzindo repentinamente a testa e fechando o semblante ordenou ao criado, que fosse chamar o ministro Thomaz Antonio, que ainda se achava na ilha.

Algum tempo depois apresentou-se Thomaz Antônio e beijando a mão do monarca disse-lhe :

— Estou as ordens de vossa magestade.

— Deu-se hontem aqui um facto vergonhoso e impróprio desta casa, falou D. João. Surpreendi o reposteiro Francisco da Silva beijando a dama Eugenia, e acabo de saber agora quo, seduzindo a dama, fugiu com ella hontem à noite deste paço. Elles não podido continuar no serviço desta casa, mas serão simplesmente despedidos, tendo porém o reposteiro tornado público o seu delicto raptando a dama, resolvi castigá-lo severamente. Leva esta minuta e mande lavrar um aviso, que deverá ser remetido ao corregedor do crime da corte e casa.

— Cumprirei as ordens de vossa magestade. E o ministro saíu depois de haver saudado o rei.

Dous dias depois publicava a *Gazeta do Rio de Janeiro* o aviso seguinte :

• Não devendo ficar impune o dosatino, em que cabio o reposteiro da camara Francisco da Silva de alevosamente aliciar e raptar a mulher de F.F., e el-rei nosso senhor servido que vossa mercê faça intimar o sobredito reposteiro que não entre mais no paço, e que deve sair para fora da corte para a distância de dez leguas ate segunda ordem. O que participa a vossa mercê para que assim o execute. Deus guarde a vossa mercê. (*)

(*) Autentico. Veja a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Era D. João homem probó e justo. Se davão-sa em sua casa, em sua corte, scenas censuráveis, indecorosas, se lavrava a immoralidade entre alguns dos seus creados e cortesãos, não erão provenientes do procedimento mão do rei.

Homem cordato e bom "não desejava" fazer mal a ninguém, porém fraco e irresoluto não sahia dissipar os abusos, e raras vezes era prompto e energico em punir os culpados.

So não tinha energia para corrigir as faltas, os delitos contra a moral praticados por sua esposa, como poderia impedir os actos vergonhosos de sua numerosa crendagem e dos seus orgulhosos e ignorantes validos!

Havingo porém, presenciado aquella scena amorosa em seu palacio, e considerando-a como uma affronta à sua pessoa e à sua dignidade, mostrou-se decidido e expedito na decretação da pena. Tratou immediatamente de infligir o castigo contra o culpado, dando elle próprio o minuta para o aviso, que foi publicado na *Gazeta* dessa época.

Causou grande sensaçao na cldade a publicação daquelle aviso. Todos lerão-o e todos o commentarão; durante dias serviu de thema para todas as palestras.

Se nis censuravão a immoralidade que ia pelo paço, outros a corrupção geral dos costumes, louvavão alguns o procedimento moralizador do rei.

Conversando na sacristia da capella real os conegos Januário, tão distincho nas lettras patrias, e Placido Car-

78

neiro, que lhe upava o cargo de reitor do Seminário do S. Joaquim, dizia o primeiro.

— E o facto vergonhoso que deu-se no paço real!

— Meu amigo, o povo não é educado, e estamos no tempo em que se manda transformar um seminário em quartel, redargio o conégo Piaelio.

Referia-se ao seminário de S. Joaquim, que foi extinto, indo aboletar-se no mesmo edifício uma divisão de soldados chegados de Portugal.

— Escolhem para mestres homens ignorantes, reforçou Januario, os quais adoptão o péssimo costume de ensinar os meninos à força de pancada.

— Dizem os tais mestres que o ensino deve entrar com o sangue.

— Excellento methodo! Não se recorda daquele menino aleijado pelos castigos rigorosos do mestre, o qual mais tarde viveu esmolando na portaria do convento de Santo António? (*) .

— Vi-o alli muitas vezes, era filho do Manoel Luiz.

— Também qual será o homem instruído e de bom procedimento, bradou Januario, quo sujeite-se a ensinar meninos pelo mesquinho ordenado annual de cento e vinte mil réis!

— Certamente, pois não chega tão insignificante quantia nem para modesta e parca subsistência.

Continuavao os dous conegos a sua palestra, quando

(*) Facto verdadeiro ocorrido nessa época.

tiverão de interromper os despertos pelo dobre do sino anunciando a hora da reza do côro.

Vestindo a sobrepelliz sobre a batina, e tomando o livro de oração collocado sobre o arcaz, encaminharão-se em companhia dos outros sacerdotes para o recinto da igreja.

Ficou estupefacto Antonio Gonçalves lendo o aviso da Gazeta relativo no reposteiro da camara. Jamais pensou que praticasse esse moço semelhante acção, tal era o conceito vantajoso que delle fazia.

— Que escândalo praticado na residencia real por um proprio criado da casa, bradou elle, no terminar a leitura do aviso.

Se Ileon surprehendido lendo aquelle aviso, tambem teve Eduardo Maia certa satisfação. Viu assim demorados e talvez desvanecidos os planos de Antonio Gonçalves sobre o casamento da filha com o reposteiro da camara. Como todos praguejou contra a immoralidade do paço, e riu-se consigo pensando no marido modelo, que o ajudante do almoxarife desejava para a filha.

Mas vivia o moço perplexo e inquieto; amava mas perdia cada dia a esperança de realizar seu casamento, pois sempre que à moça escrevia-lhe referia-se à oposição que os pais manifestavam ao casamento por ser elle maçom.

Passava Eduardo Maia triste e pensativo pela rua da Qultanda, quando encontrou o pardo Augelo Rondon, soldado reformado do regimento do artilharia.

Era um homem alto e descalvado e tinha falta de dous dedos da mão direita, que perdera na campanha do Rio Grande do Sul. Andava fardado, porém sem

81

npuro e sem uniforme completo. Usava apenas de farda e bonet, quanto a calça era do molde e cor, que lhe aprazia. Dizidor de concelhos chistosos gabava-se de vaticinar o futuro.

Era um maníaco, um vagabundo das ruas, semelhante a outros muitos, que então existião. Punha os dedos na boca e dando assobios e estalos gritava.

— E' foguetório.

Applaudia-se a si mesmo, e alegre e pacato era um tipo popular estimado por todos.

Apezar de robusto e forte nada fazia, não trabalhava, vagava pela cidade, e vivia vida folgada e inutil. Costumava repetir,

— O que sór meu as mãos me irá de vir.

Se propunha dar-lhe qualquer trabalho oferecendo-lhe boa paga, recusava-se dizendo.

— Para que! A quem Deus promete um tostão, de seis vintens não passa por mais que faça.

Preguiçoso e indolente não se ocupava com causa alguma, acreditando, como alguns, que a sorte está escrita, que nasce o destino no berço com o homem, e que de nula valem o esforço e o trabalho.

Não sabia ou não queria lutar com a sorte, vivia na inércia e preguiça, e cooperava o povo para isso dando-lhe esmolas e alimentando a sua indolência.

Concorria assim para que o seu infeliz nado fizesse, e acreditasse que, tendo nascido pobre, pobre teria de morrer.

Encontrando-se com Eduardo Maia, que mostrava-se triste e taciturno, repetiu-lhe o soldado Rondon a seguinte quadra.

Chora, menino, chora
Va-se embora p'ra Campinas,
Vá cumprir o seu deredo,
Quem tem amores tem medo.

— Vae-te Angelo, disse-lhe Eduardo.

Sabia o pardo do amor, que o moço tinha à filha do Antonio Gonçalves, e por isso acrescentou.

— Ora venha cá, quer ouvir o que há de acontecer com o seu amor.

— Dize lá.

— Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

— Mas quem ama não pode esperar muito.

— Tenha paciencia, porque quem anda alcançá, e quem corre cansa.

— Ora não me atormentes com teus adágios. E Eduardo foi se afastando do soldado.

— Olhe, retorquin Angelo cantarolando.

Querer bem não é bom; não
Faz a gente enlouquecer,
Abre feridas por dentro,
Por fora ninguem as vê.

E la se foi o pobre no seu caminhar sem destino, dando estalos e assobios, ou cantando versos populares, A garotada charava-o para ouvi-lo repetir annexins ou cantar modinhas em troca de alguns vintens, que elle agradecia fazendo caretas e tregeites.

Viverão alguns dias Francisco da Silva e Eugenia
ocultos na casa cerenda de denso arvoredo do Cosme
Velho.

Apressados, correrão os dias na embriaguez do
amor e na expansão da paixão. Mas um amigo do re-
posteiro da camara remeteu-lho a Gazeta, onde viera
publicado o aviso.

Lendo-o ficou Francisco da Silva sucumbido, tre-
merão-lhe as pernas e inundou-lhe o corpo um suor
frio. Repetiu a leitura tres ou quatro vezes, e ficou per-
plexo sem saber o que resolver. Chamou a sua compa-
nhiera e disse-lhe.

— Isto.

Eugenia leu, e commovida perguntou-lhe.

— E agora!

Devemos sahir imediatamente daqui, cumprindo o
que el-rei ordena, quando não estarei perdido. Será ou
degradado para a India, ou encerado em uma fortaleza,
na qual morrerei esquecido.

— E para onde iremos?

— Tenho em Itaguary um amigo que nos guiará,
facilitando-nos todos os recursos. Hoje mesmo empre-
henderei a viagem, e deste modo cumprirei a ordem
do rei.

— Eu te acompanharei para qualquer lugar.

Entrando em preparativos de viagem, partirão os dous amantes nesse mesmo dia, o apôs dous dias da viagem a cavalo, suportando diversas contrariedades, e māos caminhos, chegarão ao seu destino.

Entregues nos enleves do amor esquecerão-se logo quer da condenação do rei, quer das vicissitudes da sorte. Vivião embobidos nos enganos da paixão. Passavam horas e horas abraçados, arrebatados em sonhos de phantasias e esperanças. Tudo encantava-os, tudo cobria-se para elles de uma cor celeste, porque sorri-lhes a felicidade, afagava-os em seus devaneios, e os anjos parecendo entoar-lhes nos ouvidos harmonias cadentes e sonoras. Se Eugenia prendia aos cabellos uma rosa gabava Francisco da Silva o perfume da flor e também a beleza das tranças de sua amada. Se tomava um vestido de cor mais viva tecia elogios à cor do vestuário, mas acrescentava que a forma do manequim é que fazia realçar a elegância da toilette. Se lançava no redor do pescoço um collar extasiava-se notando-lhe o risco e o volume dos seios.

Também para Eugenia ninguem tinha os cabellos mais sedosos, nem o olhar mais penetrante, nem o sorriso mais sedutor do que seu amado.

Se lão passear quedavão-se os dous horas e horas à sombra das ervões, e alli inventava idyllios do amor e repetição palavras amoroas, que só o anjo da felicidade lhes poderia ensinar. Se encontravão algum regato deixavão-se flcar nas margens e beijando-se repetião que o mormurio das águas occultava o mormurio dos seus

50

beijos. Su passeavão n cavallo apostavão carreira le-
vando os animaes a toda brida, ou agitando um o seu
ginetes, segula o outro atraç, e zo encontrarem-se abra-
cavão-se e beijavão-se.

Tudo se desvanecera da mente desses dous entes.
Ja não se lembravão das pompas, solemnidades, honras
e ceremonias da casa real. A sua vida passada era como
um sonho, de que se não recordavão. O mundo delles
era alli só, não havia mais para elles rei, nem rainha,
nem principes e nem cortezões. Existião só elles dous
ou antes só viço, só rendião culto ao amor ingento, que
enchia-lhes o coração, trasbordava-lhes o cerbro de
ídias alegres, e semeava na estrada de sua vida, flores,
prazeres, alegrias e risos.

Correrão assim alguns m̄es vivendo envolvidos os dous amantes nas ondas da felicidade, e embalados pelas azas da paixão e do prazer.

Mas foi depois arrefecendo o entusiasmo do amor, e farto elles comprehendendo o mal, que havião feito.

Foi Francisco da Silva o primeiro, que começou a lastimar-se.

— Grande loucura praticou em deixar o meu emprego honroso da corte para vir sepultar-me neste retiro.

— Mas não és feliz!

— Sou porque vivo em tua companhia, mas perdi tudo, nome, honras, emprego, consideração, futuro, tudo, tudo.

— Em compensação tens o meu amor.

— Ah, mas as gallas, as grandezas, a pompa do paço!

Elle que até então esquecera-se da sua vida de outr'ora para só cuidar da mulher querida, elle que varrerá da idéa todo o passado, por que só lhe bastava o presente, principiava agora a recordar-se das solemnidades, das festas do paço real, das honras, condecorações, títulos e grandezas, que o rei costumava distribuir com mão prodiga pelos seus vassalos. A vida alegre e principesca do palacio despertava-lhe agora

ideas de ambição, e cogitando na posição elevada, a que poderia ter chegado, mostrava-se triste e abatido.

— Que vida temos nós aqui, repetia elle, neste ermo silencioso e triste.

— E o nosso amor!

— Sim foi o amor, ou antes essa vertigem louca, que apoderou-se de mim.

— E já não existe, não é assim!

— Amo-te, porem isso não é viver. Cada dia min-
guão os nossos recursos, e cada dia vejo-má mais só e
repellido de todos.

— E lámbam eu não desprezei o meu lugar honroso
da corte, o meu marido. Não manhei para sempre o
meu nome de mulher honesta. Não abandonei as galas,
os prazeres, os passatempos galantes do paço, as
minhas relações com as damas e prineezas, os meus
vestidos ricos, adereços e joias!

— Queres sem dúvida fazer-me recriminações; se
não dou-te vestidos de valor é porque não tenho di-
nheiro.

— Nem penso em tal, mas doves ver que também
fiz pesado sacrifício acompanhando-te.

— Mas não sofreste a condenação, que caíio sobre
mim. Se tiveste, repetem todos que fui eu o cul-
pado, eu o seductor, eu que deshonrei a casa real com-
mettendo grave desacato.

— Socorro Francisco, talvez mas tarde sejas per-
doado, o rei é clemente e bom.

E qual o perdão que eu posso esperar para lavar
o meu desatino, e a minha desonra !

— Ah, a condenação do rei fulminou-me, ex-
poz-me á vergonha, á execração publica.

E o moço levava ás mãos nos cabellos percorrendo
o aposento, em que se achava, com passos largos.

— E moralmente não estou eu também envolvida
nessa lei de condenação, e não será meu nome todos
os dias amaldiçondo por meu marido e por meus pais !

Repetião-se essas scenas, e de dia para dia tor-
navão-se mais frequentes e acerbas essas lamentações,
mais vivas essas recriminações.

E não era só Francisco da Silva que se lastimava,
que seexasperava, era também Eugenia, quando co-
meçou a comprehendêr que já não era mais amada.

— Ah, na minha idade, dizia ella, na primavera da
vida, quando tanto poderia gozar, ostentando os meus
encantos, os meus atrativos de mulher formosa em
uma numerosa corte, lisonjeada por todos, e ver-me
hoje encerrada nessa casa sem divertimentos e sem ca-
rinhos !

E a moça vertia sentidas lagrimas recordando-se
dos dias felizes, que passara em companhia do marido,
no palacio do rei, no camarim das princesas e das in-
fantas, nos aposentos das damas, ostentando os seus
vestidos de luxo, as suas joias de brilhantes e topazios.

Ouer no coração de mim, quer no do outro sol da dia
para dia apagando-se o amor, e em vez desse suntil-
mento veio o aborrecimento, veio o tédio.

Francisco e Eugenia Ju não podião viver juntos. Entre elles havia cada dia exprobações e accusações vehementes. A cada instante um delles lamentava a sua sorte, a cada momento um accensava o outro da sua infelicidade.

Não existindo mais o amor, que os embriagava, e os unira, comprehendião agora a posição vófgonhosa e triste em que se achavam. Já não havia aquelle sentimento, que lhes obscureceria a vista, encheria-lhes o coração, e por isso comprehendião a realidade feia e má da sua existencia.

Passavão ellos dias a dias sem trocarem uma palavra entre si, e um como que procurava evitar o outro.

Numerando cada um delles as suas alegrias de outrora, sens divertimentos, e sua felicidade passada, maldizia o erro, a desgraça, o crime, que pesava-lhe sobre a existencia. Attribuia um ao outro os males, quo sofria, e qualquer motivo originava entre os dous uma discussão, contenda ou desavença.

— Não pode continuar isso assim, observava o posteiro.

— Pois acabe com tudo isso, quo o mesmo desejo eu, repetia Eugenia.

— Então tens novos amores, não é assim?

— Não sei.

Qualquer delles sahia a passelo sem convidar o outro, se ia Eugenia para uma casa da vizinhança, ausentava-se Francisco para ponto diverso.

Na mesa do almoço ou do jantar comilão sem

trocar uma palavra, e já havíão separado os leitos allegando excessivo calor. Não erão mais dous amantes, nem dous amigos, erão como pessoas indiferentes ou antes rivais, que vivião sob o mesmo tecto.

Comprehendendo o reposteiro que já não amava a Eugenia, antes aborrecia semelhante mulher, e que também ella não tributava-lhe mais nenhum amor.

Assim resolveu deixá-la o mais breve possível.

Firme nessa idéa, reunió dentro de uma malla alguma roupa, guardou algum dinheiro, e ao amanhecer do dia seguinte saíó de casa, deixando sobre uma mesa o bilhete seguinte.

— Não havendo laço algum que nos una, tendo desapparecido o amor, que um consagrava no outro, julguei dever retirar-me deixando-te livre para procurares outra vida de mais liberdade e prazer, outro que occupe o teu coração d'onde fui expulso. Eu farei o mesmo.

Ao despertar avistou Eugenia o escripto sobre a mesa, leu-o; ficou rebelosa e sobre salitada por ver-se só e sem recursos. Mas passou depressa a commoção, amarratou o bilhete, lançou-o ao chão, e sorrindo murmurou.

— Já era tempo, foi melhor assim, também já não podíamos mais viver um ao lado do outro. Hei de achar outro, que a substitua. E a moça foi preparar o almoço, entoando uma canção popular.

A Eugenia moça rica de dotes phisicos, de olhos seductores e atraentes, formas esculpturales, encas

desenvolvidas, seios exhuberantes, e difficilmente contidos pelas barbatanas do collete, não faltarião adoradores.

Começou a ve-la todos as tardes na Janella um moço da vizinhança, conseguiu depois ser admittido em casa, e algum tempo depois ella cantava victoria.

Corridos alguns mezes ausentearão-se os dous para lugar distante e recondito.

A andorinha, depois de haver feito verão em um ponto, emigrava satisfeita para outro diferente.

— Estão desvanecidas as esperanças do casamento de nossa filha com o reposteiro Francisco da Silva, dizia Antonio Gonçalves a sua mulher.

— Depois da acção revoltante por elle praticada no paço real não devemos pensar mais em semelhante homem.

— E como persiste a menina em esposar o Eduardo Malo vou levar por diante o meu projecto de encerra-la em um convento.

— Diz ella que se não casar com o Eduardo Malo, prefere ficar para sempre solteira.

— E não se recusa a tolinha de unir o seu destino áquelle renegado!

— Não, e não, repetiu ella.

— Mas com essa alma de satanaz não se casará ella, prefiro ve-la freira.

— Coitadinha.

— Queres por ventura ve-la antes nos braços daquelle endemoninhado do que na casa de Deus !

— Isso não, se elle é pedreiro livre, como disseste, vá antes ella para um convento ; serve-se assim a Deus Nossa Senhor.

Considerava-se relevante serviço prestado ao céo consagrar-se, naquelles tempos idos, um filho à vida religiosa. Violentando a vocação acreditavão os pais al-

95

cancar o perdão dos seus peccados condemnando os filhos a uma clausura perpetua. Era apangio de honra e gloria ter um filho revestido de batina de padre ou de habito de monge. As vestes religiosas de um membro de uma familia nobilitavão toda a geração, embora o infeliz arrastasse no claustro uma vida inutil e pessima, e amaldiçonasse, em seus momentos de reflexão, áquelles que segregarão-nos da sociedade.

— Mas falta-me dinheiro, continuou Antonio Gonçalves, para realizar esse meu intento.

— E porque não fallas, ponderou a mulher, ao compadre Miguel Affonso para que l'oo empresto?

Residia o padre Miguel Affonso, padrinho de Alice, na rua do Sabão, hoje do General Camara. Era alto, magro, secco da carnes, olhos vivos e pequeninos, boca regular e nariz adunco. Não sahia á rua, como então era uso, senão de batina, chapéu tricorneo, e trazendo ou um grosso bastão com castão de ouro, ou um chapeo de chuva de paño encarnado. Sacerdote bom e caritativo distribuia diariamente esmolas aos pobres e mensalidades á familias necessitadas. Legou em testamento diversos predios á ordem terceira do Bom Jesus, da qual era irmão; para ser o rendimento delles distribuido annualmente por viuvas e filhos dos irmãos pobres da mesma confraria. E ate hojo, e perpetuamente, as moedas legadas por esse piedoso padre, caem no regaço de viuvas pobres, de donzelllas, que entre lagrimas de gratidão e suplicas ao céo, recehem a esmola repetindo o nome do seu perpetuo benfeitor.

Corridos alguns dias dizia Antonio Gonçalves à mulher.

— Lembraste bem, vou procurar o padre Miguel Alfonso e falar-lhe sobre minha pretenção.

E tomando os seus melhores calções, a sua casaca, sapatos com fivelas douradas, chapéu armado e bengala de castão amarelo, dirigio-se à casa do sacerdote.

Expoz-lhe as suas circunstâncias e o desejo, que nutria em ver a filha freira do convento da Ajuda.

— Mas terá a menina vocação para a vida da clausura, perguntou o padre.

— Tem, balbuciou Gonçalves mentindo, pois não ousou declarar qual o motivo por que queria encerrar a filha em um convento.

— É bom reflectir e pensar bem no caso.

— Ela quer ser religiosa, repetiu o velho.

— Não vá sacrificiar em vão a sua filha.

— Desejo prestar esse serviço a Deus, Senhor Nosso.

— Aceita Deus os sacrifícios espontâneos, a abnegação verdadeira, os actos de contrição pura, mas não agradão-lhe, nem aproveitão aos que praticão, as violências, as acções, que acarretão remorsos.

— Minha filha servirá a Deus com humildade e resignação.

— Permita o céo que assim seja. Mas que deseja,
quer que falle ao Sr. Bispo?

— Sim, e venho também supplicar outro favor de
sua amizade.

— Fale.

— Falta-me dinheiro para certas despezas de pa-
peise enxoval, e se o comadre me adiantasse qual-
quer quantia...

— Farei tudo que estiver no meu alcance, pois es-
timo a minha afilhada, e desejo concorrer sempre para
obras meritorias.

— Fialo no seu bom coração vim pedir o seu au-
xilio.

— E não lhe ha de faltar, mas indague, perscrute
bem a inclinação de sua filha, qué tudo farei em bene-
ficio della.

Beijou Antonio Gonçalves o anel do padre, como
era uso naquelles tempos, e despedio-se agradecido e
satisfeito.

Regressando para casa disse Antonio Gonçalves.

— Falei com o compadre e...

— E elle prometeu dar o dinheiro, perguntou a mulher interrogando-o.

— Sim, e quevallaria com o Sr. bispo para a menina ser admitida no convento.

Alice que estava em um quarto próximo ouvindo a conversa, ficou afficta. Horrorisava-a a idéa da clausura, e teve impetos de fugir da casa paterna. Seu pai a ameaçava de faze-la freira, mas não acreditava que semelhante projecto se realizasse com tamanha presteza. Triste, inquieta e lagrimosa recolheu-se ao seu apartamento, onde escreveu imediatamente a Eduardó relatando-lhe tudo. Fechada a carta, guardou-a no seio, e voou á janella da rua para ver se passava a velha Quiteria alim de entregar-lhe a carta.

De fato a velha não só fez esperar, assomou na esquina da rua, e a moça chamando-a entregou-lhe a carta.

Vendo que Alice chorava perguntou-lhe:

— Que tem, menina, por que chora assim.

— Quer meu pae fazer-me freira.

— Socégue, socégue, e tenha fé no céo. Aqui está esta oração a Santo António, reze-a todas as noites, e verá que seu casamento se realizará.

— Quanto a carta será entregue hoje mesmo.

Despedio-se Quiteria de Alice, que encerrou-se em seu quarto, onde entre lagrimas e suspiros leu a oração, que lhe dera a devota.

Erão naquelles tempos mui preconisadas as orações, os hreves, as reliquias. Julgava-se que por esse meio sanava-se tudo. Era tido como bom e infallivel tudo que vinha da igreja. A felicidade era sempre uma de-diva do céo, e a desgraça um castigo. Era considerado quasi sempre milagre o bom acontecimento, e maria se resolvia sem aytes pedir-se a intercessão do qualquar santo ou santa da corporação celeste. E se não provinha resultado vantajoso e feliz quer das orações, quer das promessas, bradava o padre, ou o fanatico.

— Foi a falta de fé, que arruinou o caso.

E assim vivia-se, sustentando os padres principios erroneos, fanáticos para extorquir o dinheiro do povo, e conserva-lo manietado no seu poder e influencia. Conflava-se tudo da providencia, não se empregando o esforço proprio e individual. E desse modo concorria a igreja para o atraso da civilisação, para a paralysação do progresso, e do adiantamento social.

Publicado o aviso regio para o corregedor do crimo da corte e casa contra Francisco da Silva tratou o magistrado de dar-lhe prompto cumprimento. Enviou copia do citado aviso ao delinquente, mas este, como vimos, já havia se afastado para lugar distante da corte, curvando-se à ordem régia.

Tendo abandonado a amante e vendendo-se sem recursos, escreveu o reposteiro ao marquez da Villa-Nova da Rainha, com quem entretinha relações intimas, e pediu-lhe intercedesse por élle ao rei.

Esse fidalgo, valido de D. João VI, era por elle estimado, e um daquelles com quem o monarca mais confidenciava nas palestras particulares. Era homem corpulento e bem apeçoado, mas tinha as pernas um pouco inchadas, como Luiz XVIII, e por isso pouco sahia, vivendo constantemente no paço da cidadela.

Sabendo que o rei tinha de assistir a uma festividade na capella real foi o marquez esperal-o na sala da Tocha.

Era assim denominada a sala do paço, onde havia um grande tocheiro dourado, como os que usão-se nas igrejas, sustentando uma tocha de cera, que conservava-sa accessa dia e noite no palacio, em que se achasse o rei.

Aproximando-se D. João VI com a sua comitiva

correu o marquez ao seu encontro, curvou o joelho, e bocejando-lhe a mão disse,

— Venho implorar uma graça de Vossa Magestade.

— Diga o que quer.

— Condemnou Vossa Magestade com toda Justiça o reposteiro Francisco da Silva, que commetteu o feio delicto de seduzir una dama casada; mas desterrado para fôra da cidade vivo esse moço na miseria, vendo-se impossibilitado de angariar meios de subsistencia em lugar tão distante e ermo.

— Está sendo punido pelo crime que praticou.

— Sim, real senhor, mas elle ainda é considerado criado da casa real, e por isso não deve passar tão rudes e vergonhosas privações.

— E por que não soube respeitar o paço real e a sua posição?

— Grande foi a sua culpa, real senhor, mas como pae de todos os seus subditos, podia Vossa Magestade permitir que regressasse elle para a cidade.

— E voltasse talvez para o serviço do minha casa, não é assim, interrogou o rei com o olhar carregado.

— Não, meu senhor, mas alliviando-o de parte da pena, isto é ordenando que elle possa regressar á cidade, terá Vossa Magestade facilitado ao desgraçado meios de subsistencia.

— Bem, verei se posso attender ao seu pedido, mas desde já declaro-lhe que semelhante criado não terá mais exercicio no paço real.

— Beijo as mãos da Vossa Magestade.

— Escreverei ao ministro do reino a semelhante respeito.

— Sim, meu senhor, disse o marquez fazendo profunda cortezia ao rei.

Acompanhado do camarista conde de Paraty, do guarda-roupa Loulato, e de outras pessoas da corte, atravessou D. João as salas do paço, o passadiço, que uniu o antigo palacio dos governadores ao convento dos Carmelitas, transformado em paço real, e chegando à capella tomou assento na tribuna régia aberta na capella mór. Mais tarde chegou a rainha Carlota, e foi sentar-se junto do esposo, indo as damas ocupar uma das tribunas do corpo da igreja.

Logo que o rei desapareceu das salas do palacio, recolheu-se o marquez da Villa-Nova da Rainha aos seus aposentos.

Appareceu tres dias depois estampado na Gazeta do Rio de Janeiro o aviso seguinte :

« El-Rei Nosso Senhor é servido ordenar que o seu criado Francisco da Silva, que foi mandado sahir para fora desta cidade, na distancia de dez leguas, possa para ella voltar livremente, conservando-se com tudo, até segunda ordem, a proibição de entrar no paço.

O que participo a V. Mercê para que assim lhe faça constar e se execute. Sr. Corregedor do crime da corte e casa (1).

(1) Veja a Gazeta do Rio dessa época.

Lendo semelhante aviso ficou Eduardo Maia contrariado, pois talvez se despertassem as intenções de Antonio Gonçalves de casar a filha com o reposteiro. Se cometerra este um escandalo publico tivera minoração na pena, e em breve ninguem mais fallaria do delicto, nem do delinquente. Acresce que não havia sido elle rebaixado do cargo, que exercia em palacio, e naquelles tempos ora considerado e digno de todas as distincções os individuos empregados na casa real.

Relatara-lhe Alice na carta, quo lhe escrevera, a firme resolução do pae em fecha-la em um convento, mas talvez ella ainda o commovesse com as suas lagrimas, ou souhesse resistir-lhe; aoresce que poderia elle fallar com o bispo D. José Caetano, e denunciar a violencia, que tencionava praticar com a infeliz donzella.

Era o douto díccesano D. José Caetano homem firme e consciencioso, e jamais consenteria que, constrangida, violentada pelos paes, professasse essa moça em uma ordem religiosa.

Mas, reflectia Eduardo Maia, o que mais grave lhe parecia era o recente aviso regio, que talvez arrastasse o Antonio Gonçalves a mudar de idéa e projecto, entregando a filha em casamento ao digno e honrado reposteiro da casa real !

Contentíssimo ficou António Gonçalves lendo o aviso regio na Gazeta do Rio. Vio aliviado da sentença um colega seu na casa real, e de novo veio encantar-lhe a imaginação a idéia de tomar o reposteiro como seu genro. Se praticara um acto indecoroso fora punido, e talvez ó fizesse arrastado pelos galanteios da dama, e como extravagancin de rapaz. Sabia elle Gonçalves quaes as seduccões, os enredos e conquistas amorosas, que se davão constantemente no paço. Acresce que se o rei permittira ao moço reposteiro o regresso para a cidade era sem duvida por não estar muito irritado contra elle, e nem julga-lo tão culpado como a principio. E se D. João não afastara ainda toda a sua protecção do seu creado, talvez voltasso este ao exercicio do seu cargo no paço real. A commutação da pena fazia crer que o rei ainda se interessava pelo seu reposteiro, e se elle pensava assim, toda a creadagem devia regular-se pela cabeça do seu rei e senhor.

Ainda mais. Dispunha o reposteiro da protecção do marquez da Villa-Nova da Rainha, ònigo de invejada influencia na corte.

Mas também pensava António Gonçalves nos gastos, que já fizera para a filha recolher-se ao convento, no que dissera ao padre Miguel Affonso sobre a inclinação da afilhada para a vida mística. E até ja conversara com

a abbadessa do convento da Ajuda sobre a admissão de sua filha nessa clausura.

Estava assim indeciso no seu modo de resolver, via a filha manifestar oposição em vestir o habitó, e via tambem restituído ao seio da sociedade o reposteiro Francisco da Silva, que desprezara a amante, como era publico e notorio, e assim era um genro mesmo ao pintar.

Quanto ao Eduardo Maia obteria elle facilmente, por intermedio do marquez da Villa-Nova da Rainha, que, preso como maçon e conspirador do throno e do altar, fossa recolhido á alguma fortaleza, e dali degradado para a India. Era tão faceis naquellos tempos de domínio absoluto essas salutares providencias em beneficio da igreja e da pessoa sagrada do sr-rei nosso senhor !

E talvez vendo o noivo condemnado a desterro perpétuo accitasse Alice por marido o reposteiro Francisco da Silva.

Povoava-o-lhe o cerebro semelhantes cogitações, quando ouvio Antonio Gonçalves bater á porta da rua, Foi ver quem era e encontrou-se com o padre Miguel Alfonso, que comprimentando-o, disse.

- A graça de Deus esteja nesta casa.
- E com vosco, senhor reverendo.
- Como vai a filhada?
- Na paz do Senhor.
- Está em casa?

— Não, foi com a mãe ouvir missa na Igreja de S. José.

— Pois vim trazer-lhe o que prometti. E tirando do bolso da batina um saquinho de velludo preto entregou-o ao pae de Alice acrescentando.

— E' o dinheiro para a ajuda das despezas, assim da ser minha filha contra entre os servos da Senhora do Carmo, como freira no convento da Ajuda.

— Agradeço-lhe meu compadre, e de Deus receberá a recompensa de tão boa acção.

— Causa diminuta.

— Vou já passar-lho uma obrigação de semelhante quantia.

— Tem tempo.

-- Seja como vossa reverendíssima determinar. Tenciono recolher a menina no convento em dia de Santo Antonio.

— Deus a faça feliz, e transforme seu véu de freira em aureola de santidade.

— E ja falou ao Sr. bispo?

— Ainda não, mas breve o farei.

— E desejo tambem que consulte a abbadessa.

— Tudo farei para Inicia-la na vida do retiro e amor de Deus, assim tenha ella vocação e fortaleza para suportar as privações e martyrios, que acompanham o hábito religioso.

— Ha de ter.

— Mas não possode morrer-me mais, pois ainda tenho de dizer missa.

Deus o siga.

E separarão-se os dous amigos osculando Antonio Gonçalves com signaes de verdadeira piedade o annel do padre.

Havia-se precipitado ás acontecimentos politicos. Resolvera D. João VI inopinadamente partir para Portugal, deixar nas mãos do seu filho D. Pedro o governo do Brasil, e mandar eleger deputados ás cortes de Lisboa.

Installada no edifício da nova praça do Commercio, na rua hoje Primeiro de Março, a assembléa eleitoral, para eleger os deputados ás cortes de Lisboa, apresentou-se o ouvidor Joaquim José de Queiroz, e procedeu á leitura de decretos, que não erão da competencia da assembléa tomar conta dellos. Manifestava sémelhante procedimento, que nada entendia do systema representativo constitucional, quer o governo, quer os governados.

Tornou-se a assembléa tumultuaria, arvorou-se em constituinte, e começou a legislar como se fosse assembléa de toda á monarchia. Mas na noite de 21 de abril de 1821 foi dissolvida violentamente por um forte destacamento da divisão portugueza, que dando uma descarga, invadiu á casa á baioneta calada.

Procuraram fugir os eleitores pelas portas, pelas janellas, que deitavão para o mar, porém foi o maior numero repellido pelas baionetas. Percederão alguns e muitos ficardo feridos.

Fechou-se o edificio, e adiou-se a reunião dos eletores.

Convervando sobre este acontecimento politico Fre Sampaio e o capitao-mór Rocha, os quaes terião de tornar-se notaveis na lucta da independencia do Brasil, dizia o frade franciscano.

— E o attentado da praça do Commercio!

— Velo tornar mais profundo o sulco, que separa os Brasileiros dos Portuguezes, objectou o capitão-mór Rocha.

— Não houve nem advertencia, nem intimação previa, e a descarga da mosqueteria foi o annuncio da violencia.

— Foi um crime commettido pelo governo do rei; se a assembléa abusou, o governo foi violento e cruel.

— Mas dizem que o rei foi extranho ao acto.

— Não sei, affirmou Rocha, mas do paço partiu a ordem, e se não foi o rei, foi seu filho D. Pedro o auctor da carnificina.

— E consta que entre os victimas foi encontrado o cadaver de Anselmo da Costa.

— Quem, « denunciante do infeliz Luiz Prates?

— Ele mesmo, morreu varado por uma bala.

— Talvez lá comparecesse como espião do governo!

— Se mais uma vez quiz ser delinctor, uma bala tapou-lhe a boca.

Nessa occasião atravessou a rua o soldado Rondou entoando o seguinte estribillo.

— Se isto vae como vós vedes,
Meu compadre Belchior,
Males a males sucedem,
Tudo vae do mal a peior.

Rirão-se os dous brasileiros amigos, e logo apôs
separarão-se.

Determinara Antonio Gonçalves que fosse sua filha recolhida ao convento da Senhora da Ajuda no dia de Santo Antonio, festejando elle na véspera, como costumava com fogueira e fogos de vistos, o santo de seu nome.

Era naquelles tempos muito usados os festejos em honra de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. Erguino-se fogueiras em quasi todas as ruas da cidade, e queimava-se muito fogo artificial. Os foguetes, rodinhas, buscapés, bombas, pistolas e traques de fogo atropellavão os transeuntes, que se querido fugir das fogueiras, vião se perseguidos pelos fogos do ar. Era um brinquedo perigoso e fatal, no qual alguns individuos adquirião aleijões, e outros falecião victimas desse divertimento em ruas estreitas de uma cidade já bastante populosa.

Mandara Antonio Gonçalves armar a fogueira em frente da sua casa, e despendera bastante dinheiro em fogos de vistos.

Entretendo-se com jogos de prendas, queimando fogos artificiais e saboreando as canas, batatas e carás assados, ao som de vivas a Santo Antonio, determinara Antonio Gonçalves, em companhia da familia e do diversos amigos, passar toda a noite em clara.

Corria alegre o festejo quando aconteceu cair sobre

o telhado da casa alguns foguetes, que penetrarão no madeiramento e produzirão incêndio.

A alegria, a distração, a que se entregavão todos, concorreu para que não fosse pressentido o fogo, que em breve invadiu todo o prédio, e era iminente o perigo, quando foi de todos conhecido.

Não existião naquelle tempo no Rio de Janeiro moços regulares de alafar os incêndios, que erão por isso sempre fatais.—No meio de grande tumulto e desordem corrião os vizinhos com vasilhas d'água, subindo outros aos telhados por meio de escadas de mão, gritavão, lastimavão-se, espalhavão-se pelas ruas clamando pelos pretos, que vendião barris d'água, e sem ordem, sem método dificultavão e baralhavão tudo pouco conseguindo. Todos querião mandar, ninguém obedecia, e somelhante desordem facilitava a propagação do fogo.

Apresentavão-se as vezes no lugnr do sinistro o intendente de polícia e outras autoridades, mas como não houvesse corpo arrigimentado para semelhante serviço, tinham de obrigar os transeuntes a officios de bombeiros.

Não erão frequentes os incêndios, mas quando se davão devoravão todo prédio.

Prestarão os vizinhos bons serviços à família de Antônio Gonçalves na occasião do perigo, e entre aquelles, que mais concorrerão para subjugar o fogo, notou-se um moço, que desde o princípio do festejo da noite, aproveitara-se da confusão e entretenimento dos outros,

para trocar palavras de amor e galanteio com a sua amada.

Mas logo que o incendio tomou incremento, foi elle um dos mais denodados em subjugar as chamas. Afrontou diversas vezes o perigo, percorrendo os pontos mais elevados e arriscados, trahalhou de machado, carregou baldes de agua, e empregou esforços inauditos para circunscrever o fogo.

Só restarão do predio as paredes, porque tudo mais as chamas devorarão, ficando os moradores só com a roupa do corpo.

Teve a familia de Antonio Gonçalves de abrigar-se em uma das casas da vizinhança.

Durante a confusão de tão grande desastre encontrou-se Eduardo Maia varias vezes com Alice.

— Ardeu tudo, e ficarão meus paes sem causa alguma, repetiu a moça lagrimosa.

— Até o habito de noviça foi-se, acrescentou Eduardo fitando-a.

— E' certo, o fogo devorou-o.

— E' porque Deus não quer ve-la freira.

— Pensa assim?

— Creio. E quem sabe se este fatal acontecimento não nos será propicio!

— Ah, e meus paes que ficarão na pobreza.

— Se para amá-la tenho o coração, para proteger a seus paes tenho os braços. E Eduardo Maia estreitando a moça em intimo abraço, deu-lhe um ardente beijo,

como desejando testemunhar a sua protecção com essa expansão de amor.

Entretanto não cessava Antonio Gonçalves de repetir.

— Que desgraça, que fatalidade.

— Quem sabe se não foi praga daquelle maldito rapaz Eduardo, retorqual a mulher.

— Pôde ser, visto como é maçon, e irmão portanto de Satanaz.

— Afaste-o Deus de nós todos.

E continuarão os velhos a lastimar-se.

XXVIII

Tendo abandonado a amante retirou-se Francisco da Silva para a casa de um amigo residente na real fábrica de Santa Cruz. Dali escreveu ao marquez de Villa-Nova da Rainha pedindo-lhe supplicasse ao rei a permissão de regressar para a cidade. Já vimos que attender D. João ao pedido do velho fidalgó.

Logo que soube que consentira o rei, que voltasse para a cidade, ficou Francisco da Silva contentíssimo. Lendo o aviso regio alimentarão-no saudade e esperanças. Veio imediatamente aboletar-se em casa de um velho creado do paço residente na rua chamada actualmente da Assembléa.

Pensou em pedir em casamento a linda filha de António Gonçalves, que tanto desejava, que se realizasse semelhante enlace, e contraindo esse consorcio matrimonial a todos que tencionava seguir conducta moralizada e seria. Mas informado que tudo perdera o ajudante do almoxarife no incendio, que devorou-lhe a casa, considerou que nada adiantaria em recursos pecuniarios com semelhante unido. Reflectiu que não lhe convinha tomar qualquer resolução sem consultar antes ao seu amigo e protector o marquez de Villa Nova da Rainha.

Escreveu-lhe agradecendo ter obtido a clemencia

do rei a seu favor, o pedio-lhe ditasse os conselhos sobre a norma de vida, que teria de trilhar.

Dedicava o marquez muito estima a este moço, tanto que, propalava-se no paço, que fera elle seu filho.

Dizia-se que, quando estudante da universidade de Coimbra, apaixonara-se esse fidalgo por uma camponeza, e della tivera um filho. Mais tarde regressando para Lisboa casara-se com uma rica herdeira da casa dos condes do Rezende, esquecendo-se da camponeza e do filho. Corridos annos falleceu a pobre aldeã, e ficou o menino abandonado.

Despertarão-se então os sentimentos de paternidade no coração do fidalgo. Mandou procurar o menino, e sendo encontrado trouxe-o para sua companhia, educou-o, e matriculou-o em um collegio.

A espada invencivel de Napoleão amedrontou a familia de Bragança, que veio foragida buscar asyllo no Brasil. Na comitiva regia veio o marquez de Villa-Nova da Rainha, que ja havia collocado o filho entre os creados da casa real. Exercendo o cargo de camarista era desvelado protector de Francisco da Silva, porém jamais declarou-lhe, quem era seu pae.

Recebendo a carta de Francisco da Silva ordenou o marquez, que se achava na quinta de S. Christovão, que preparassem a sua sege, e entrando nella seguiu para a casa do seu protegido.

Ficon lisonjeado Francisco da Silva vendo o fidalgo, e favorito do rei, em sua casa, e fazendo-lhe ceremoniosa cortezia agradeceu-lhe a honrosa visita.

— Vim aqui vel-o, porque poderemos conversar mais livremente.

— E desejo muito ouvir a opinião de V. Ex. sobre a conducta, que devo seguir.

— Convém proceder como homem de juizo, esquecendo o seu passado, e procurar honrar o lugar, que ainda occupa, no paço de el-rei.

— Passando uns destes dias em frente do paço da cidade, nasciuentou Francisco da Silva, e avistando el-rei em uma das janellas, saudei-o curvando o joelho.

— E elle o que fez?

— Retirou-se logo da janella.

— Soube disso, retorquio o marquez, contou-me o guarda-roupa Loubato.

— Desejava casar-me para que el-rei comprehendesse que tenciono mudar de vida e de procedimento.

— Não pense em tal por ora, seria necessário pedir a permissão de el-rei, e elle agora não a daria.

— Por que?

— Ainda está muito recente o acto indecoroso, que o senhor praticou no paço.

— Mas.

— Espere algum tempo. Caminhão rapidamente os acontecimentos politicos; D. João VI e a real familla devem regressar breve para a Europa.

— E devo tambem embarcar-me na esquadra?

— Não. Fica no Brasil o principe real D. Pedro, que é moço, apaixonado do bello sexo e facilmente descolpará ás travessuras, os actos irresflectidos de um rapaz.

Delle obterá a permissão de voltar ao serviço activo da casa real, se proceder bem, como espero.

— E V. Ex. acompanha el-rei á Lisboa.

— É meu dever.

— Ficarei assim sem a sua valiosa protecção. E porque não pedo ao rei para antes de partir incluir-me no numero dos creados que estão em serviço?

— Não julgo conveniente, pois o Sr. D. João é teimoso, e não me attenderá. Mas hei de deixar quem o proteja na minha ausencia.

E o marquez sensibilizado, e como receioso de expandir-se mais com o seu protegido, abraçou-o, e despedindo-se entrou na sege, que o levou para S. Christovão.

Ficou Francisco da Silva perplexo, irresoluto e contrariado. Via que não podia voltar a patria em companhia da familia real, não podia casar-se por talvez ser-lhe negada a competente licença, quo talvez tão cedo não fosse admittido no exercicio do seu cargo na residencia real, e in ausentiar-se o poderoso fidalgo, que até então servira-lhe de pae, e tanto o protegera.

Ficava só, isolado, em posição precaria, e entregue aos caprichos de um principe muito moço, arrebatado; extravagante e de genio altivo e irascível.

Na manhã de 26 de abril de 1821 cortava as aguas da bahia do Rio de Janeiro a esquadra, em que regressavão para Portugal D. João VI e sua familia, excepto o principe D. Pedro, que ficava como regente do Brasil.

Recoioso e irritado pelo acto violento da praça do Commercio, praticado pelo governo, vio o povo com indifferença, e talvez com contentamento, a partida desses navios, em que afastavho-se da America o rei, sua mulher, seus filhos, e os fidalgos e numerosos creados do paço, e tambem mbitos capitalistas e negociantes portuguezes, formando todos uma comitiva de mais de tres mil pessoas.

Tres dias antes da partida da esquadra conversava na portaria do paço da cidade o marquez de Villa-Nova da Rainha com Francisco da Silva.

— Com bastante pezar, dizia o marquez, retiro-me para Lisboa deixando-o neste paiz, mas já recommendei-o ao conde dos Arcos, quo fica como ministro do principe.

— E o rei parte satisfeito?

— Não; vae triste por deixar o Brasil, onde viveu treze annos feliz e tranquillo, mas os negocios publicos obrigão-no a partir.

— E irá mais tarde o principe?

— Creio que não. Esse é moço, agil, ambicioso e

saberá resistir à política das cortes de Lisboa, que se aterrrou seu paiz, não o atemorizará.

— E o Brasil permanecerá unido à Portugal?

— Não julgo tambem provavel, pois está nublado o horizonte político, salienta-se de dia para dia a rivalidade entre os filhos daqui e os do velho Portugal, e não é possivel que, este pequeno paiz, possa reter por muito tempo em suas mãos o grande territorio brasileiro.

E o velho marquez vendo que fôra mais expansivo sobre a politica, do que devera ser, como conselheiro e camarista do rei, abraçou triste e muito saudoso o seu amigo ou antes seu filho despedindo-se.

Na nova phase, que abria-se para o Brasil, surgirão acontecimentos, que alarmarão o espirito publico.

Exaltou os animos dos Brasileiros a politica do congresso portuguez, que pensou em recolonisar o Brasil. Abriu-se no Rio de Janeiro a valvula da imprensa. Mostrou-se ameaçadora e exigente a tropa portugueza; pretendeu apoderar-se da pessoa de D. Pedro, o regente, e fôz-l-o embarcar a força para Portugal. Tomando armas foi acampar no morro do Castello. Para resistir-lhe reunirão-se os nacionaes, armarão-se, e resolverão pelejar com muito valor e muito patriotismo. O campo de Sant'Anna, hoje praça da Republica, transformou-se em campo de guerra do povo e tropa do Brasil, e essa altivez, essa attitude energica aterrrou os soldados portuguezes.

No numero dos Brasileiros alistados entre os defensores da patria estava Eduardo Maia, tenente de milicias, que bons serviços prestou à causa nacional.

Conseguiu prender um individuo suspeito, que, envolto em capote de baeta azul o chapéu desabado, procurava perscrutar qual o numero e a posição aguerrida da força brasileira.

Apresentado ao marechal, que commandava a divisão brasileira, foi o espião reconhecido; era João de Avilez, irmão de Jorge de Avilez, general do exercito portuguez. Quiz desculpar-se o criminoso declarando que tomara aquelle trajo para poder penetrar em uma casa, onde entrelinha amores secretos. Sentenciou-o o marechal a morte, mas intercedeu por elle o tenente Eduardo Maia, e assim teve o traidor a vida salva. (*)

Havendo escassez de municções e não podendo fornecel-as o arsenal de guerra, porque o respectivo inspector o brigadeiro Raposo bandeou-se com os revoltosos, disfarçou-se Eduardo Maia em aguadeiro, e conduzindo em uma carroça uma pipa vazia, penetrou na praça de guerra, enchou a pipa de munições, e veio salvo e jubiloso entregal-a a seus camaradas, nos defensores, como elle, do pavilhão e da honra nacional. (")

Coagida a deixar o ponto ameaçador, que tomara, embarcou a divisão portugueza para Nietheroy.

Ainda ahí quiz cerrar fileiras, travar peleja, mas a força nacional, que, transpondo a bahia, foi fazer-lho frente, a posição estrategica dos navios, e a attitude

(*) É facto tradicional referido por pessoas do tempo.

(") Também é facto tradicional referido em algumas crónicas d'á época.

decidida e energica do regente, forçando os batalhões portuguezes a recolher-se aos navios, que levarão-os para a Europa.

Os feitos guerreiros, o civismo e a coragem de Eduardo Maia na luta pela pátria tinham-no tornado saliente entre os fortes, e era seu nome repetido com louvor.

Ouvira Antonio Gonçalves mencionar as façanhas do moço, e convencido dos ingentes esforços e da solicitude, que empregara para abafar o incendio, que, como vimos, consumiu todo o pédio, em que residira, começou a dedicar ao valente e denodado militar viva sympathia.

Indo de passeio com a família e encontrando-o junto de um posto de guarda, disse-lhe o velho jubiloso.

— Sei, Sr. Eduardo Maia, que bastante tem batalhado pela causa santa da pátria.

— Pouco tenho feito, respondeu Eduardo.

— Muito, replicou Alice, lançando sobre o mancebo um olhar fixo e ardente, como desejando dizer-lhe !

— Amo-te.

Designado para ficar ao serviço do príncipe D. Pedro, na categoria de almoxarife do paço da cidade, não acompanhou António Gonçalves o rei à Lisboa.

Empossado do novo emprego veio residir no pavimento terreo do palacio, e mostrou-se desde então muito grato e dedicado ao regente, que dera-lhe graduação maior entre os criados de sua casa. Não perdia occasião de elogial-o, e, apesar de ser portuguez, achava bom tudo, que o príncipe resolvia em prol do Brasil.

Antes de partir para a Europa mandou o marquez de Villa-Nova da Rainha entregar ao seu protegido Francisco da Silva uma bolsa cheia de moedas de ouro, e também uma carta de despedida com salutares e paternalaes conselhos.

Mas apesar disso não seguiu direcção inversa da que costumara seguir, persistiu em aventuras amorosas; todavia levado do desejo de voltar ao serviço activo do paço, determinou atar ao rasto a insegurança da decencia e simulação, e afectar sentimentos, idéas e conceitos de homem sisudo e circumspecto.

Ponderosos motivos levaram-no a proceder assim. Sabia que seria privado da protecção do marquez se não fosse sensato e correcto o seu procedimento, e era preciso passar por homem de boa organisação moral, de

austeridade de principios para alcançar a protecção dos amigos, assim de regressar a vida activa do paço.

Apparentando integridade, que não tinha, conseguiu o seu fim. O seu novo patrono conde dos Arcos intercedeu por elle ao principe regente.

Moço de carácter libidinoso, expansivo, alegre, inclinado a conquistas amorosas, facilmente esqueceu D. Pedro a fraqueza, a falta commettida pelo antigo creado de seu pae, e ordenou fosso elle reintegrado no exercicio do cargo. Volveu Francisco da Silva ás salas, ás grandezas, ás festas, ao luxo do paço. Vestiu a sua farda esgaloadas e achou-se bonito, e o que é mais, homem de importancia e valia.

Extravagante e dissoluto soube insinuar-se no animo do principe, angariou a sua confiança e a sua estima, tornou-se dedicando, servicial ao extremo, e comprehendendo que era sua indole semelhante a do seu senhor, acompanhou-o em todas as acções de libertinagem, e lisongeou-o em todos os actos de devassidão.

D. Pedro sensualista e prodigo, entregue a seus instintos e as suas paixões, necessitava de confidentes, que despresando os dictames da moral, o acompanhasssem em suas extravagancias e desvarios de mancebo; dispunha de favoritos, que tanto mais subião nas honras, quanto mais bajulavão e sujeitavão-se aos caprichos do soberano. Francisco da Silva, conhecido pela alcunha popular de Chalaça, achou-se logo atesta desses validos do monarcha, e por isso, de simples creado, foi rapidamente subindo em honras e em postos; foi no-

meado ajudante da guarda da honra, secretario privado, e tanta ascendencia ganhou no animo do seu grande protector, que decidida influencia chegou a obter na politica geral da nação.

Depois da partida do rei para Lisboa, do insolito ataque contra a assembléa reunida no edifício da praça do Commercio, exarcebou-se a rivalidade entre brasileiros e portuguezes. Afrontosos epithetos dirigião uns aos outros; se os portuguezes chamavão os brasileiros de cabras, appellavão-os estes de pés de chumbo, e qualquer incidente originava uma questão, um conflito mais ou menos grave entre os dous povos.

Tendo desertado diversos soldados da divisão portugueza revoltada, forão incorporados nos batalhões brasileiros.

Aconteceu que, atravessando alguns desses soldados portuguezes a praça hoje denominada Quinze de Novembro, forão provocados por soldados brasileiros.

Armou-se entre os dous grupos viva contenda, que terminou em renhida lucta. Tomou o facto carácter grave, e tanto que requisitou-se força do quartel do Campo. Veio para abafar o motim o tenente Eduardo Maia commandando uma companhia. Travou-se peleja entre os grupos das duas nacionalidades, e após forte tiroteio de fogo forão repelidos os portuguezes, ficando mortos dous e feridos alguns. Da força brasileira ficaram feridos diversos, entre outros o tenente Eduardo Maia.

Espalhou-se pela cidade a notícia do motim, que

assustou o povo, e obrigou muitos negociantes a fecharem as portas dos negócios.

Logo que cessarão os tiros e terminou a luta, saiu António Gonçalves de casa, e foi saber o que ocorrera. Atravessava a praça, quando viu uma padiola carregada por quatro soldados. Desejou ser informado e perguntou-lhes.

— Camaradas quem vai ali?

— É o tenente Eduardo Maia, que recebeu grave ferimento, responderão as praças.

— Ah! o valente moço, que tão forte e corajoso se tem mostrado na defesa nacional! Infeliz.

E o velho afastou-se summamente commovido.

Chamava-se Affonso o novo amante de Eugenia. Era moço esbelto e desempenado. Filho de um fazendeiro rico do S. Paulo, dispunha de dinheiro suficiente para conquistar os amores de mulheres fáceis.

Affonso conduziu Eugenla para uma casa de campo na Tijuca; e ahí passarão ambos uma existencia de amor, ou antes de prazer e volupia.

Sentados ou deitados debaixo de frondosas arvores, vião correr as horas em scenas de amor e luxuria.

Se elle era libidinoso, ella era ardente e fogosa. Esgotavão a existencia nessa orgia seuanal e quotidiana.

Quizerão por fim mudar do scenario, e resolverão vir para a cidadão, aboletando-se em uma casa da praia de Botafogo.

Theatros, bailes, passeios, carros, cavallos, tudo teve a amante do mancebo rico, e alegres corrião-lhe os dias, vivendo no luxo e na lascivio.

Contavão os dous as horas pelos beijos, ou antes pelos prazeres, que fruião. Vivião nas anclas da paixão, em uma verdadeira embriguez de gosos e dilícias.

Mas tudo cansa o fatiga. Como já não bastasse para passar as horas a belleza e encantos de Eugenia, procurou Affonso outra distração; entregou-se ao jogo.

Se de dia vivia envolvida nos braços da sereia, ia denoite consumir no jogo o tempo e o dinheiro.

Começou Eugenia a extranhar a ausência do amante, a sentir-se só; e se a princípio lastimou-se e chorou, foi depois reconhecendo que Affonso já não lhe satisfazia, não sabia cumprir a sua missão de homem apaixonado, e por isso procurou descobrir outro, que melhor o substituisse.

Tambem Affonso já sentia-se fatigado, e ião-lhe rareando os recursos colhidos na casa paterna.

Apezar da vida extravagante, inebriante de prazer, que levava Eugenia, ostentava-se ainda explendida a sua belleza. Era rosa, que apesar de lhe terem experimentado muito o perfume, ainda conservava o encanto da cér e a contextura brillante das petalas. Era mulher sedutora e provocadora.

Attrahio depressa ao seu domínio um negociante rico.

Por sua vez notou Affonso certa frieza nessa mulher de fogo, que sobera subjugal-o. Já não havia tantos carinhos em seus afagos, nem tantas delícias em suas ancias de prazer. Elle tambem foi pouco a pouco se retrahindo. Acrece que recebera do pae uma carta, chamando-o á fazenda, pois já era avultada a somma de dinheiro, que esbanjara no Rio de Janeiro com os seus prazeres.

Determinou partir, mas não sabia qual o meio de desvincilhar-se da aspide, em que se achava enroscado.

Correu assim algum tempo sem o moço atinar qual a melhor resolução a seguir, porém voltando uma noite, já bem tarde do Jogo, ao entrar em casa, não encontrou Eugénia.

Procurou-a em todos os aposentos, chamou-a, mas em vão, ella havia desaparecido.

— Foi-se, murmurou Afonso, e foi melhor assim, livrou-me do embaraço em que vivia, desejando-lhe dizer que la ausentar-me, ou mandal-a sair desta casa.

Preparou no dia seguinte as suas malas, dispôz a vingem, e dahi ha douz ou tres dias, estava de volta á casa paterna, esperando encher de novo a carteira para conquistar outra amante, que viesse ocupar o lugar da que tinha fugido.

XXXIII

Ficara penalizado Antonio Gonçalves sabendo do grave ferimento do Eduardo Maia, e para não causar profunda magoa a sua filha, que vivia triste e abatida, nada referiu-lhe sobre semelhante accidente.

Os feitos do distinto moço em defesa da patria, que orguia-se livre e independente, que surgia como nação entre outras nações, havião-no tornado bemquisto e elogiado por todos, e era Antonio Gonçalves um dos entusiastas do destimido mancebo.

Além disso estavão extintas as aspirações, que acalentara de ter como genro Francisco da Silva. Subira esto na escala social, era vulto proeminente no paço imperial, e certamente se pensasse em casar-se, iria buscar alguma dama das mais distintas da sociedade fluminense.

Quanto ao fazer da filha uma freira, era ideia, que já desprezara, não só por que considerara, como aviso do céo ou antes castigo, o incendio de sua casa na vespera de Alice receber o habito monachal, como também porque informado o padre Miguel Alfonso da violencia, que ia-se praticar contra aquella moça, retirara a sua protecção, e amençara revelar ao bispo a残酷de, que se tencionava fazer, clausurando uma don-

zella, para não deixá-la casar com quem pedia-lhe o coração.

Entretanto fiel e dedicado conservava-se Eduardo Maia ao seu amor, e nos dias de luta da nação, procedera como um forte, como homem dotado de todas as energias.

Era assim esse moço, quem convinha para noivo de sua filha, cogitava consigo Antonio Gonçalves.

Recolhido ao hospital militar foi considerado grave o ferimento de Eduardó, e por muitos dias guardou o leito, sobrevindo-lhe hemorragias, febre e dores cruciantes. Mas depois de longo tratamento foi debellado o mal, e o doente restabeleceu-se.

Mais de uma vez fora visitá-lo Antonio Gonçalves, e tendo o moço alta do hospital por estar inteiramente são, foi Antonio Gonçalves ter com elle, e fallou-lhe no casamento com a sua filha.

Aceltou Eduardo Maia com grande effusão de contentamento.

Encheu-se também de alegria o coração de Alice, quando soube da permissão de seu pai; abraçou-o, e lançou-lhe um olhar de tanta gratidão e contentamento, que elle leu em seus olhos a felicidade, que lhe inundava a alma.

Decorrido pouco mais de um mez, celebrou-se na igreja de S. José, o acto religioso unindo os noivos Eduardo Maia e Alice.

Ao sair do templo avistou a moça a velha Quiteria, que disse-lhe baixinho.

— Foi milagrosa a oração a Santo Antônio.

Alice sorriu-se, e Eduardo, tirando do bolso uma moeda, deixou cair entre as mãos mirradas da velha.

Ao entrar em casa disse Eduardo Maia abraçando a sogra.

— Ainda têm medo dos mações?

— Já não tenho tanto, respondeu a velha, e batendo-lhe no ombro, acrescentou, especialmente deste, por que terá sempre junto de si um anjo.

E Eugenia I

Viveu algum tempo com o terceiro amante, mas no fim de alguns meses feixou-o para receber outro. Despresada por este, aceitou mais um, mais dous, mais tres, nem sei quantos, por que por ultimo era o numero das notas da carteira do visitante, que fazia-lhe abrir a porta da casa.

Quando sahia á rua usava de luxo excessivo ; trajava vestido de seda ou de veludo, ornávho-lhe o pescoço grossos cordões de ouro, como então se usava, e os braços ricos braceletes de brilhantes.

Dirigindo-se um dia o distinto franciscano Monte Alverne para o seu convento em companhia do negociante Insua, synodo do Seminario da S. Joaquim, que havia sido restabelecido por ordem de D. Pedro, viu passar uma mulher ricamente vestida.

Ainda nesse tempo conservava o notavel orador sacerdote Monte Alverne a luz dos olhos, que trinta annos depois perdeu, ficando porém intacta a grande luz, que illuminava-lhe o cerebro.

— Conheço aquella mulher, perguntou Insua ao illustre franciscano.

— Não, respondeu este.

— E' a dama, que no tempo de D. João VI, fugiu do paço em companhia de um reposteiro.

— Ah, recordo-me pelo aviso então estampado na *Gazeta do Rio*. E agora é talvez uma mulher mundana...

— Presumo que sim, e por isso procura atrair a atenção pública com o brilho de suas joias e o farfalhar da seda do seu vestido.

— E' a devassidão ostentando a sua grandeza.

— É certo, o vício excitando os vícios.

— Infeliz, caminhará vestindo galas até cair coberta de lepra no leito de um hospital, ponderou Monte Alverne.

E o eminente franciscano despediu-se do amigo.

Nessa ocasião lançando Eugenia um olhar malicioso sobre o negociante e sobre o frade sorriu-se, e continuou no seu passeio, exhibindo a sua beleza, que ainda não era pouca, e o seu luxo, que então era muito.

FIM

EXTRACTO DO CATALOGO
DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO & C.
33 RUA DA URUGUAYANA 33

AMOR netos cabellos, peça comica.....	\$300
CANTOS do fim do seculo por Sylvio Romero, 1 vol.....	18000
CONFERENCIA do Dr. Vicente de Souza — O Imperio e a escravidão—, 1 vol.....	8500
CÓDIGO dos Jesuitas, contendo a monita secreta desta celebre sociedade, 1 vol.....	\$500
DOCEIRA Doméstica (a) ou colleção de receitas, pela maior parte novas, de doces, padões, tortas, conservas, pasteis, licores, etc., por D. Anna Corrêa, 3 ^a edição, 1 vol.....	33000- \$300
FESTA (a) e a Caridade e Dulda do Altano (poesias) 1 vol.	15000
HISTÓRIA de um marinheiro, seguida da canção do marinheiro, peça comica, 1 vol.....	8300
JUDIA (a) Noitado do Sepulcro (recitativas) 1 vol.....	\$300
LIVRO dos sonhos com a explicação... 1 vol Ed. completa.	18000
LYRA do Trovador (modinhas e recitativos 1 vol.....	18000
MEMORIA sobre o emprego do sulfato de Quinino, pelo Dr. Joao Francisco de Souza, 1 vol.....	6000
COZINHEIRO MODERNO, contendo uma colleção de mais de 1,500 receitas úteis, facias e económicas, 1 vol.....	18000
ORADOR MODERNO ou tesouro de discursos fántilares, 1 vol.....	18000
SILVEIRA CALLADO, colleção de artigos de propaganda republicana, 1 vol.....	8500
SOUZA RÉGO, Dicionário do Dacêiro Brasileiro, contendo milhares de receitas pela maior parte novas, 1 gr. vol.....	48000
DIAS DA SILVA, Tesouro da Mae de Família, em conselhos e receitas úteis, 1 vol.....	24000
SERÕES Fluminenses, a melhor colleção de recitativos modernos até hoje publicada, 4 ^a edição, 1 vol.....	14000
TROVADOR Brasileiro (modinhas, etc.), 1 vol.....	650
FIGUEIREDO PIMENTEL, Histórias do Fadas, 1 vol. ritamente	3800
JULIO BIBERIO, A Garne, 1 vol.....	350
ALENCAR (José da) Diva, 7 vol.....	14000
ALENCAR (José do), Iracema.....	1
CAMILO CAETELLO BRANCO, Caveira da Martyr, 2 vol.....	42000